

**FAMÍLIA MENDES DE ALMEIDA, E SEUS AFINS NO BRASIL**

*Marcelo Meira Amaral Bogaciovas*

**Resumo:** *Estudo das primeiras gerações da família Mendes de Almeida, e seus afins, em especial a família Jordão, no Brasil, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, e suas ligações com Portugal. Estudo da ascensão social e econômica.*

**Abstract:** *Study of the first generations of Mendes de Almeida family, and allies, especially Jordão family in Brazil, especially in Rio de Janeiro and São Paulo, and its links with Portugal. Study of social and economic rise.*

A família Mendes de Almeida/ Almeida Jordão teve grande importância na formação de uma rede internacional, ligada à atividade comercial, entre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Lisboa. Ascenderam social e economicamente, e acabaram por se ligar à pequena nobreza do Brasil e de Portugal. Dessa família fez interessante estudo econômico o Professor Jucá de Sampaio, em especial sobre a influência da família na comunidade mercantil carioca dos séculos XVII e XVIII.<sup>1</sup>

Neste trabalho, estudo as primeiras gerações no Rio de Janeiro e São Paulo, e suas ligações com Portugal. Há muito a acrescentar e a pesquisar, mais do que agora se escreve. Em resumo, é uma contribuição ao excelente livro do Doutor Gonçalo Monjardino Nemésio, genealogista português, amizade alicerçada através do amigo em comum, Dr. José Krohn da Silva.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *A família Almeida Jordão na formação da comunidade mercantil carioca (c.1690-c.1750)*. In: ALMEIDA, Carla & OLIVEIRA, Mônica (orgs.). Nomes e números: alternativas metodológicas para a história econômica e social. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2006.

<sup>2</sup> NEMÉSIO, Gonçalo Monjardino. *História de Inácios – A descendência de Francisco de Almeida Jordão e de sua mulher D. Helena Inácia de Faria. Estudo das primeiras gerações da família no Brasil*. Lisboa: DisLivro, 2 volumes.

## § 1

- I- DOMINGOS MENDES, natural do lugar da Sapateira, freguesia de Santo Ouvido, termo da vila de Pedrógão Grande, distrito de Leiria (pertencia, então, à comarca de Tomar, bispado de Coimbra). Ou natural, como corrigiu o comissário da inquirição de habilitação ao Santo Ofício de sua neta Ana de Faria (adiante, neste § 1 n.º III), do lugar das Milhariças, na vila de Figueiró dos Vinhos, distrito de Leiria (pertencia, também, à comarca de Tomar, bispado de Coimbra). De acordo com o mesmo documento, Domingos Mendes era irmão de Ana de Almeida, moradora em Lisboa, à Casa da Pólvora, e de Antônio Mendes, das Milhariças; pode-se, então, inferir, que o sangue Almeida correria em suas veias. Era parente de Manuel Ferreira, ferreiro, filho que ficou de Belchior Fernandes, todos cristãos-velhos como constou da habilitação de seu neto João Mendes de Almeida Jordão, que segue adiante, em § 10 n.º III.

Domingos Mendes casou-se, por volta de 1642, com ANA FERNANDES, natural da vila de Figueiró dos Vinhos, tendo sido batizada na freguesia de São João Batista. Foram moradores na vila de Figueiró dos Vinhos, onde Domingos Mendes faleceu em 2 de abril de 1677 (fls. 159/249) e sua mulher, viúva, em 30 de dezembro de 1687 (177v/ 268v), ambos em Figueiró dos Vinhos.

Conforme o citado processo de habilitação ao Santo Ofício de Paulo Pinto, Ana Fernandes era irmã de Antônio Fernandes, o *boquete*, e filha de MANUEL FERNANDES, carneiros públicos em Figueiró dos Vinhos. E ainda, que Domingos Mendes foi almocreve em Figueiró dos Vinhos, onde viveu de alguma fazenda que tinha e depois foi rendeiro das casas dos correntes da vila de Figueiró e vivia da agência de seus filhos, que foram igualmente almocreves.<sup>3</sup> Conforme o assento de batismo de sua filha Cecília Mendes, foi nomeada Ana Fernandes e depois, o padre corrigiu seu nome para Ana Jordão.<sup>4</sup>

Domingos Mendes e Ana Fernandes foram pais de:

- 1 (II)- ANA DE ALMEIDA. Segue no § 3.
- 2 (II)- FRANCISCO DE ALMEIDA JORDÃO, batizado em 11 de março de 1646, que segue.
- 3 (II)- CECÍLIA MENDES, batizada em 26 de janeiro de 1648, que segue no § 4.

<sup>3</sup> Almocreve era o condutor de bestas.

<sup>4</sup> Poderiam ser, então, parentes, Manuel Rodrigues Jordão e Maria de Mendonça, adiante citados?

- 4 (II)- CAPITÃO MANUEL MENDES DE ALMEIDA, batizado em 9 de agosto de 1650 em Figueiró dos Vinhos (fls. 10v). Segundo o Dr. Nemésio, foi capitão de infantaria das Ordenanças de Piraiuzua [?] do Rio, por carta patente de 12 de outubro de 1691.<sup>5</sup> Ele e o irmão Francisco de Almeida Jordão foram sócios, no ano de 1692, de um trapiche na cidade do Rio de Janeiro.<sup>6</sup>
- 5 (II)- ANTÔNIO, batizado em 11 de junho de 1652 em Figueiró dos Vinhos (fls. 13v). Segundo o Dr. Nemésio, poderia ser o Antônio Mendes de Almeida, que viveria no Rio de Janeiro em 1686.
- 6 (II)- CAPITÃO BENTO MENDES DE ALMEIDA, batizado em 5 de fevereiro de 1654, que segue no § 10.
- 7 (II)- DOMINGOS MENDES, nascido cerca de 1654, que segue no § 11.
- 8 (II)- FRANCISCA. Era solteira, quando foi madrinha de seus sobrinhos Maria e Francisco, filhos de sua irmã Ana de Almeida, respectivamente em 1676 e 1680 (conforme o Dr. Nemésio).
- 9 (II)- BELCHIOR, batizado em 6 de dezembro de 1658 em Figueiró dos Vinhos (fls. 42).
- 10 (II)- PADRE LOURENÇO MENDES, batizado em 11 de maio de 1660 em Figueiró dos Vinhos (fls. 51v). Deve ser este o presbítero do hábito de São Pedro de nome Lourenço Mendes de Almeida, que teve em AFONSA CORRÊA GODINHO, mulher casada, o seguinte filho ilegítimo:<sup>7</sup>
- 1 (III)- PADRE DR. MANUEL MENDES DE ALMEIDA, nascido cerca de 1699 na cidade do Rio de Janeiro. Passou para a Capitania de São Paulo, tendo sido vigário por muitos anos da matriz da vila de Santana de Parnaíba, onde veio a falecer em 1782, aos 83 anos de idade. Havia feito testamento a 29 de abril de 1777 em Santana de Parnaíba,

---

<sup>5</sup> IAN/ Torre do Tombo. Chancelaria de D. Pedro II, Livro 19, fls. 268; Livro 64, fls. 357.

<sup>6</sup> SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. *Ob. cit.*

<sup>7</sup> Não consta dos índices do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro a habilitação ao sacerdócio de Manuel Mendes de Almeida, segundo informação do seu arquivista, Sr. Paulo Lavandeira Fernandes. Podemos considerá-lo perdido. Conclui-se, então, que o Padre Lourenço Mendes passou a residir na cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu seu filho. Indagado o amigo Carlos Barata, grande pesquisador de genealogias do Rio de Janeiro, não soube dizer quem seria essa senhora, Afonsa Corrêa Godinho.

instrumento no qual ele cita sua naturalidade e filiação.<sup>8</sup> Pediu para seu corpo ser sepultado na igreja matriz da vila de Santana de Parnaíba. Rogou para serem seus testamenteiros: ao Reverendo Padre Filipe de Santiago Xavier, Capitão João Martins da Cruz e João Francisco Guimarães. Possuía uma morada de casas térreas na cidade do Rio de Janeiro, situadas na rua chamada de Pedro Vaz Guedes, a qual serviu para seu patrimônio. Em Santana de Parnaíba possuía uma morada de casas térreas, defronte à matriz, onde sempre residiu. Ainda em Parnaíba, tinha um pedacinho de terras que partiam com terras do sítio dos herdeiros da defunta Isabel da Rocha do Canto, viúva do Alferes Baltasar Rodrigues Fam, na outra banda do rio Tietê, o qual vendeu a João da Cunha Oliveira. Possuía 4 mil cruzados, em dinheiro, e 42 escravos.

- II- FRANCISCO DE ALMEIDA JORDÃO, batizado em 11 de março de 1646 em Figueiró dos Vinhos (fls. 2v). Passou para o Brasil, tomando por residência a cidade do Rio de Janeiro, onde faleceu (Sé, 7.º, fls. 148) em 21 de outubro de 1709. Senhor de engenho, proprietário de um trapiche, e almotacel na cidade do Rio. Ali casou-se, por volta de 1668, com HELENA DE FARIA, batizada em 20 de maio de 1652 no Rio de Janeiro (Sé, 3.º, fls. 108) e falecida em 12 de setembro de 1700 no Rio (Sé, 6.º, fls. 178v), filha de Brás Fernandes de Faria e de Catarina Antunes.<sup>9</sup>

Helena de Faria era irmã de Vitória Antunes, mulher de Domingos Álvares Martins, familiar do Santo Ofício.<sup>10</sup> Ele recebeu carta de familiar em 6 de maio de 1709.<sup>11</sup> Sua mulher, Vitória Antunes, natural da cidade do Rio de Janeiro, era filha de Brás Fernandes de Faria (que foi

<sup>8</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: 455, de Registros de Testamentos. Livro n.º 3, fls. 38v a 48.

<sup>9</sup> RHEINGANTZ, Carlos G. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII)*, 3 volumes, Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Ed., 1967 a 1995. Vol. I, p. 39.

<sup>10</sup> RHEINGANTZ, Carlos G. *Ob. cit.* Vol. I, p. 69: Domingos Álvares Martins e Vitória Antunes casaram-se a 27 de setembro de 1678 no Rio de Janeiro (Sé, 2.º, fls. 65v), ele natural do Porto, filho de Francisco Martins e de Joana Manuel, ela falecida em 1.º de junho de 1703 no Rio de Janeiro (Candelária, 3.º, fls. 59v), filha de Brás de Faria e de Catarina Antunes. Com geração.

<sup>11</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício, Domingos, mç. 19, doc. 388.

almocreve na cidade do Rio de Janeiro) e de Catarina Antunes, moradores na freguesia da Sé da cidade do Rio de Janeiro; neta paterna de Manuel Fernandes Reguengo e de Maria Lopes, naturais de Évora Monte; neta materna de Antônio Antunes de Carvalho, natural da cidade de Lisboa, da freguesia de São Sebastião da Pedreira, e morador na cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher Ana de Aguiar Camelo, natural da cidade do Rio de Janeiro, da freguesia da Sé.

Da parte que interessa aos descendentes deste ramo, foram ouvidas testemunhas em Évora Monte, e o vigário Manuel ..... de Campos certificou que apenas duas conheceram muito bem a Brás Fernandes de Faria, o qual se ausentou daquele lugar, sendo homem solteiro, de mais ou menos 35 anos de idade, e isto haverá 50 anos; era cristão-velho. Da cidade do Rio de Janeiro, o Comissário Cristóvão da Madre de Deus Luz, em 24 de junho de 1700, do convento de Santo Antônio da cidade do Rio de Janeiro, declarou que conhecia muito bem ao habilitando Domingos Álvares Martins, o qual fora sempre homem de negócio e estava muito aumentado, sustentando filhos que viviam nobremente e era irmão da Santa Casa da Misericórdia, provedor da Irmandade do Senhor da Freguesia da Sé e tesoureiro das esmolas de Jerusalém.

Das testemunhas ouvidas em maio de 1701 no convento de Santo Antônio dos capuchos da cidade do Rio de Janeiro, ficou-se sabendo que a avó materna de Vitória Antunes era Ana de Aguiar Camacho, natural do lugar de Saquarema, que distava 14 léguas da cidade do Rio de Janeiro, e que esta Ana de Aguiar Camacho era irmã de Domingos de Aguiar, o qual teve um filho clérigo do hábito de São Pedro e um genro que foi capitão de infantaria na praça do Rio de Janeiro, chamado Manuel de Aguila.<sup>12</sup> E que Ana Camacho e Domingos de Aguiar Camacho eram filhos de Ana Camacho, todos moradores em Saquarema.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Tratava-se do Capitão Manuel de Aguila de Elgueta, proprietário de terras no “mangue grande”, fundador da igreja de Nossa Senhora do Nazaré de Saquarema, falecido na Povoação do Rio da Prata (Colônia do Sacramento?) em 1680, com testamento aberto em 23 de outubro de 1680 no Rio de Janeiro (Sé, 5.º, fls. 100v), casado com D. Catarina de Aguiar, falecida em Saquarema em 22 de julho de 1677 (Sé, 5.º, fls. 56). *Apud* RHEINGANTZ, Carlos G. *Ob. cit.* Vol. I, p. 27.

<sup>13</sup> Muito provavelmente, Ana Camacho seria dos Camachos de São Paulo, que foram dos primeiros moradores da vila de São Paulo, já em meados do século XVI. Desses Camachos descendem os Camargos, Buenos Ribeiros e entre outros, o Padre Guilherme Pompeu de Almeida. Ou seja, a principal nobreza da terra paulista. E tinham sangue indígena, por linha matrilinear.

Pais de:

- 1 (III)- FREI LOURENÇO DA TRINDADE, batizado em 23 de agosto de 1669 no Rio de Janeiro (Sé, 4.º, fls. 62). Já falecido em 1700.
- 2 (III)- DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA, nasceu por volta de 1672 na cidade do Rio de Janeiro. Passou a viver no Reino de Portugal, tendo estudado na Universidade de Coimbra. Em 10 de junho de 1696 foi padrinho de batismo, em Figueiró dos Vinhos, do menino João, possivelmente seu parente, filho de João Carvalho e de Francisca Mendes (fls. 292). Foi novamente padrinho em outro batizado, dessa vez em 3 de novembro de 1698, de Manuel, possivelmente também seu parente, filho de Pedro Mendes e de Maria Ferreira (fls. 301); por procuração assistiu Bento Mendes e Maria Nunes, todos da freguesia de Figueiró dos Vinhos. Tornou-se bacharel em Cânones em 1700 e licenciado em 1701, pela Universidade de Coimbra. Faleceu em 7 de junho de 1740 na cidade de Lisboa (Encarnação, Óbitos 11, fls. 93). Foi emancipado por sentença de 11 de fevereiro de 1702.<sup>14</sup> Familiar do Santo Ofício, por carta passada em 13 de fevereiro de 1702.<sup>15</sup> Teve um filho natural, havido de ANTÔNIA DE OLIVEIRA, natural da vila de Figueiró dos Vinhos, filha de Mateus de Oliveira, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Catarina Borges, natural de Figueiró dos Vinhos:
  - 1 (IV)- INÁCIO, batizado em 26 de março de 1718 na cidade de Lisboa (Mercês, 2.º de batizados, fls. 202). Foi seu padrinho o tio Inácio de Almeida Jordão.
- 3 (III)- FREI JOSÉ DO NASCIMENTO, batizado em 5 de novembro de 1674 no Rio de Janeiro (Sé, 4.º, fls. 98v). Religioso carmelita.
- 4 (III)- FREI FRANCISCO DE SANTA HELENA, nasceu por volta de 1677, religioso carmelita.
- 5 (III)- ANA DE FARIA, que segue.
- 6 (III)- HELENA DE FARIA, que segue no § 2.
- 7 (III)- MARIA DE ALMEIDA. Casou-se em 7 de janeiro de 1704 na cidade do Rio de Janeiro (Sé, 3.º, fls. 83) com INÁCIO DA SILVA MEDELA, batizado em 4 de agosto de 1672 na vila de Barcelos, filho de Pascoal Rodrigues e de Helena Ribeiro.<sup>16</sup> Sem geração.

<sup>14</sup> Informações colhidas da obra do Dr. Nemésio.

<sup>15</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício, João, mç. 33, doc. 760.

<sup>16</sup> Ver, nesta revista, o artigo: *Origem da Família Medela em São Paulo*.

8 (III)- INÁCIO DE ALMEIDA JORDÃO, batizado em 25 de maio de 1687 no Rio de Janeiro (Sé, 5.º, fls. 57). Cavaleiro da Ordem de Cristo. Casou-se em Lisboa (Encarnação, 5.º, fls. 41) a 22 de dezembro de 1710 com D. TERESA INÁCIA DE ANDRADE, natural de São Bartolomeu de Charneca, Lisboa, em cuja freguesia foi batizada em 6 de março de 1694. Foram testemunhas do matrimônio: Agostinho Ferreira, Dr. João Mendes de Almeida, e o Capitão José Soares de Andrade. Em 1742 eram moradores na rua da Barroca, freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, da cidade de Lisboa. Ela era filha de Carlos Soares de Andrade (batizado em 18 de janeiro de 1673 na freguesia de São Bartolomeu da Charneca, fls. 1) e de sua mulher (casados em 3 de junho de 1691 na freguesia de São Paulo, cidade de Lisboa, fls. 151) Antônia Ferreira da Encarnação (natural da freguesia de Santiago da vila de Almada). Neta paterna do Alferes Antônio Soares e de sua mulher Francisca Soares; neta materna de Belchior Carneiro, familiar do Santo Ofício<sup>17</sup>, e de Juliana Ferreira. D. Teresa era irmã inteira de D. Catarina Josefa de Andrade, natural do termo de Lisboa, batizada na freguesia de São Bartolomeu da Charneca, mulher do Bacharel Antônio Teles de Menezes (batizado na cidade do Rio de Janeiro em 30 de junho de 1682, na Sé, exposto em casa de Isabel Fernandes, viúva), os quais foram pais de Francisco Teles Barreto de Menezes, familiar do Santo Ofício, natural da cidade do Rio de Janeiro e morador em Lisboa em casa de seu tio, o Coronel do Mar José Soares de Andrade.<sup>18</sup>

Curiosamente, Inácio de Almeida Jordão habilitou-se ao Santo Ofício, no ano de 1710, com a pretensão de ser familiar.<sup>19</sup> Era solteiro, irmão inteiro de Ana de Faria (mulher do Familiar Paulo Pinto) e de João Mendes de Almeida, familiar do Santo Ofício. Interessante é a declaração do Padre Estêvão Gandolfi, SJ, comissário de sua inquirição, sobre sua pessoa:

---

<sup>17</sup> Belchior Carneiro era morador na cidade de Lisboa e contratador de biscoito. Recebeu carta de familiar em 9 de agosto de 1675 (IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício, mç. 2, doc. 26).

<sup>18</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Francisco, mç. 77, doc. 1376.

<sup>19</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitações incompletas. Doc. 2185. Tempos depois, seu filho Francisco de Almeida Jordão também se habilitaria, sem ser aprovado (talvez por descaso).

*... não tem ainda ocupação de que vive, tem somente verdadeira de rapaz, e pouca, ou nenhuma capacidade por ora para ser encarregado de negócios de importância, como são os do Santo Ofício. Ele vai embarcado nesta frota com seus irmãos, e parentes para essa cidade de Lisboa. Lá farão Vossas Ilustríssimas o que julgarem conveniente ser. Colégio. 20 de Março de 1710.*

De Inácio de Almeida Jordão e de D. Teresa Inácia de Andrade nasceram, entre outros:

- 1 (IV)- FRANCISCO DE ALMEIDA JORDÃO. Habilitou-se ao Santo Ofício, com a pretensão de ser familiar.<sup>20</sup> Era cavaleiro da Ordem de Cristo, natural da cidade de Lisboa, da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, morador na sua quinta do Rio de Mouro, freguesia de Nossa Senhora de Belém, termo da vila de Sintra.
- 2 (IV)- ANTÔNIO MENDES DE ALMEIDA. Tirou carta de familiar do Santo Ofício em 31 de agosto de 1747.<sup>21</sup> Era cavaleiro professo da Ordem de Cristo, bacharel formado em Cânones, solteiro. Nasceu em 6 de janeiro de 1721 na cidade de Lisboa, tendo sido batizado na freguesia de Nossa Senhora das Mercês (fls. 228v) em 19 do mesmo mês.
- 3 (IV)- D. ANTÔNIA JOAQUINA DE ANDRADE E ALMEIDA, nascida em 23 de maio de 1726 na cidade de Lisboa, tendo sido batizada em 26 de junho do mesmo ano na freguesia das Mercês (fls. 270). Mulher do familiar do Santo Ofício, DR. FRANCISCO RODRIGUES DOS SANTOS BENAVENTE, que havia tirado carta de familiar em 6 de dezembro de 1740; era solteiro e bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra.<sup>22</sup> Era nascido e batizado na freguesia de Nossa Senhora da Pena, do patriarcado de Lisboa, e morador na rua Direita de São José, filho de Simão Rodrigues, homem de negócio, nascido e batizado

<sup>20</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitações incompletas. Doc. 1590. Leitura feita pela Sra. Dra. Maria Céu da Silva David Estrela Vaz Cabaços, a meu pedido, a quem muito agradeço.

<sup>21</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Antônio, mç. 104, doc. 1843.

<sup>22</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Francisco, mç. 61, doc. 1173.

na igreja matriz da vila de Alcochete, e de sua mulher Catarina dos Santos, batizada na freguesia de São José do Patriarcado de Lisboa Ocidental (irmã direita de José Fernandes, familiar do Santo Ofício, por carta feita em 8 de outubro de 1714, morador no Campo de Santana, freguesia da Pena). Neto paterno de Manuel Gomes Tumba e de Maria Rodrigues, ambos nascidos e batizados na igreja matriz da vila de Alcochete. Neto materno de Domingos Fernandes, nascido e batizado na freguesia de Santiago de Lanhoso, arcebispado de Braga, e de Antônia dos Santos, nascida e batizada na freguesia de São Sebastião de Pedreira, cidade de Lisboa. Em 18 de abril de 1742 a Inquisição de Lisboa foi avisada de que estavam aprovadas as diligências de D. Antônia Joaquina de Andrade e Almeida, casada que já estava com o familiar Francisco Rodrigues dos Santos Benavente.

9 (III)- D. CATARINA JOSEFA DE ALMEIDA, batizada em 14 de maio de 1690 no Rio de Janeiro (Sé, 5.º, fls. 71). Casou-se a 10 de julho de 1709 no Rio de Janeiro (Sé, 4.º, fls. 10), na igreja de Nossa Senhora do Carmo com o CORONEL JOSÉ SOARES DE ANDRADE, natural do Patriarcado de Lisboa, filho de Antônio Soares e de Francisca Soares. Depois foram residir em Lisboa. Nesta cidade D. Catarina faleceu em 9 de setembro de 1753 (Encarnação, Livro 11 de óbitos, fls. 316) e José Soares de Andrade faleceu em 29 de janeiro de 1752 (Encarnação, Livro 11 de óbitos, fls. 286v). Com grande geração.<sup>23</sup>

10(III)- uma filha, que faleceu com 6 dias de idade, por volta de 1692.

III- ANA DE FARIA nasceu no Rio de Janeiro por volta de 1680, da freguesia da Sé, onde faleceu (Sé, 14.º, fls. 180v) a 12 de fevereiro de 1739. Casou-se no Rio, a 27 de agosto de 1698, com PAULO PINTO, familiar do Santo Ofício por carta feita em 25 de abril de 1695.<sup>24</sup> Batizado em Santa Maria de Mogege, Barcelos, arcebispado de Braga, por volta de 1668 e falecido no Rio (Sé, 10.º, fls. 276v) a 11 de junho de 1723, era filho de Antônio Gonçalves, lavrador, natural do lugar das Figueiras, freguesia de São Vicente de Oleiros, Guimarães, e de sua mulher (com quem se casou no lugar do Paço, freguesia de Santa Marinha de Mogege, Barcelos) Isabel Pin-

<sup>23</sup> Descendência estudada pelo Dr. Nemésio.

<sup>24</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Paulo, mç. 3, doc. 55.

to, natural da dita freguesia de Mogege; neto paterno de Pedro Gonçalves e de Maria Gonçalves, naturais e moradores que foram da freguesia de São Vicente de Oleiros, termo de Guimarães; neto materno de Gonçalo Pedro, natural e morador, com sua mulher, na freguesia de Santa Marinha de Mogege e de sua mulher (com quem se casou na dita freguesia de Mogege) Margarida Pinto, natural da freguesia de Avidos, do mesmo termo de Barcelos. Em 23 de outubro de 1697 foi aviso à Mesa de Lisboa que as diligências de Ana de Faria haviam sido aprovadas para se casar com Paulo Pinto. Foram pais de:

1 (IV)- D. HELENA DA CRUZ PINTO, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde foi batizada (Sé, 5.º, fls. 161) a 18 de abril de 1703 e onde se casou (Sé, 4.º, fls. 171) a 15 de agosto de 1717 (em casa do pai da noiva) com o MESTRE DE CAMPO MANUEL DE ALMEIDA CASTELO BRANCO, fidalgo da Casa Real, ex-governador da Praça do Rio de Janeiro, nascido por volta de 1687 em Santo Estevão de Alenquer, filho de José da Costa Rabelo e de D. Maria de Almeida Castelo Branco.<sup>25</sup> Este casal passou a residir em Portugal, e dele há grande e nobre descendência.

2 (IV)- PAULO PINTO DE FARIA, que segue.

IV- PAULO PINTO DE FARIA, nasceu no Rio de Janeiro, onde foi batizado (Sé, 5.º, fls. 188) em 15 de junho de 1705 e onde faleceu em 8 de dezembro de 1748. Casou-se no Rio (Sé, 5.º, fls. 91v) a 29 de outubro de 1723 (no oratório do Padre Gaspar José da Fonseca Rangel) com D. BERNARDA DA SILVA MONTANHA, natural do Rio de Janeiro, batizada na freguesia da Candelária, filha do Capitão Antônio Vaz Gago (irmão de Bartolomeu de Siqueira Cordovil, tronco dos Cordovis do Rio de Janeiro) e de sua mulher D. Mariana da Silva Montanha, natural da vila de Santos; neta paterna de Francisco Cordovil de Siqueira e de Madalena Pacheco de Airó, naturais da vila de Alvito; neta materna de Tomás de Sousa, capitão-mor da Capitania de Itanhaém. Com geração.<sup>26</sup>

Paulo Pinto de Faria habilitou-se à Ordem de Cristo.<sup>27</sup> Constou que seu pai fora, no princípio, caixeiro e criado de uns estrangeiros na cidade do Porto, e que estes lhe fizeram uma grande carregação de fazendas

<sup>25</sup> GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. 2ª ed. Volume XII, Costados III, 228 v.º.

<sup>26</sup> Está em curso um extenso trabalho sobre a família Cordovil, capitaneado pelo amigo Dr. José Krohn da Silva, grande genealogista de Portugal.

<sup>27</sup> IAN/ Torre do Tombo. Habilitação à Ordem de Cristo. Letra P, mç. 11, doc. 35.

com que se embarcara para a Bahia, em que fora homem de negócio de grosso trato. Esse impedimento tornou-o incapaz de entrar na Ordem. Havia dado dinheiro para as obras da catedral do Rio de Janeiro, conforme constou de um recibo de 4 de abril de 1729.

Pais, entre outros, de:

- V- PAULO PINTO DA SILVA, nascido na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido batizado em 23 de setembro de 1727 na freguesia da Sé (Sé, 7.º, fls. 126). Habilitou-se à Ordem de Cristo. Foi um processo demorado, tendo durado, pelo menos, desde 1735 até 1744, quando foram julgadas satisfeitas as diligências feitas na vila de Alvito, cidade do Porto, termo de Barcelos e na cidade do Rio de Janeiro.<sup>28</sup> Era morador na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido seu procurador João Mendes de Almeida. Há um recibo de 240 mil réis que Paulo Pinto da Silva pagou para receber o hábito da Ordem de Cristo, para as campanhas de Guiné e da Índia. A mercê havia sido dada em respeito aos serviços de José Antônio Furtado de Mendonça, filho do Dr. Vasco Salgado de Araújo, em 5 de abril de 1720. Recaiu em sua irmã D. Joana Furtado de Mendonça, recolhida no convento de Santa Mônica, com poucos meios, e ela renunciou em Paulo Pinto da Silva, conforme portaria de 16 de agosto de 1735 da cidade de Lisboa.

A Mesa de Consciência e Ordens, em reunião realizada em 21 de janeiro de 1739, entendeu que o suplicante não reunia condições de receber o hábito. Isso apesar de ter a limpeza necessária. Além de ter pouca idade (somente 12 anos), seu avô paterno havia sido caixeiro de uns estrangeiros na cidade do Porto, em seu princípio, donde embarcou com fazendas para o Brasil, onde foi homem de negócio.

Entre outras alegações do suplicante, este lembrou que não era exatamente mecânica a ocupação de seu avô paterno, em seu princípio, de caixeiro de estrangeiros, porque não consta que levasse salário, nem eles o dão, como é estilo, e só usam de ensinar o negócio, e cearem entre si em algum e os caixeiros comendo com eles na mesma mesa, e tratando-os como companheiros. E que seu pai já era cavaleiro da Ordem de Cristo, o que desvanecia o impedimento. A Mesa concordou e El-Rei, em 8 de julho de 1739, aceitou. Segue o sumário dos depoimentos de testemunhas ouvidas em agosto de 1737 na cidade do Rio de Janeiro:

- Ana de Faria, avó paterna do habilitando, não tinha nobreza de seu nascimento.

---

<sup>28</sup>

IAN/ Torre do Tombo. Habilitação à Ordem de Cristo. Letra P, mc. 1, doc. 7.

- a mãe do habilitando, D. Bernarda da Silva Montanha, era reputada por ser pessoa nobre, por ser filha de seus pais, e seu pai ser capitão de infantaria paga naquela praça.
- a avó materna, D. Mariana da Silva Montanha, era filha do capitão-mor da vila da Conceição de Itanháem, Tomás de Sousa.
- eram todos cristãos-velhos.
- o pai da avó paterna, Francisco de Almeida Jordão, serviu o ofício de almotacel da câmara da cidade do Rio de Janeiro. Antes tivera o ofício de vender peixe que lhe vinha fora, de arroba e por miúdo ao povo.
- que a bisavó do justificante, Helena de Faria, tinha casta do gentio da terra, por sua mãe, o que se sabia por tradição de pessoas antigas, dignas de crédito. Seriam índios carijós.

Sumário de testemunhas ouvidas em abril de 1736 na freguesia de Santa Marinha de Mogege, termo da vila de Barcelos:

- eram pessoas nobres, lavradores limpos e honrados.
- Uma das testemunhas ouvidas, José de Torres Bezerra, homem de negócio, natural da vila de Viana, de 71 anos de idade, casado com Mariana Pereira, filha que ficou de Pedro Pinto, irmão inteiro de Paulo Pinto, avô paterno que se diz ser do justificante. Paulo Pinto foi caixeiro de um inglês, de quem foi criado de servir. Havia trabalhado com uns estrangeiros chamados Pedro Burel e Habram Mayne.

Sumário de testemunhas ouvidas em 30 de janeiro de 1736 na vila de Alvito:

- o avô materno tinha duas irmãs ainda vivas em Alvito, que recebiam dinheiro de Bartolomeu de Siqueira.
- eram cristãos-velhos e pessoas nobres.
- Antônio Vaz e seu irmão Bartolomeu de Siqueira passaram para o Rio de Janeiro.

Paulo Pinto da Silva casou-se em 6 de fevereiro de 1744 no Rio de Janeiro (Candelária, 5.º, fls. 105) com D. JOANA INÁCIA DE MENDONÇA, natural do Rio, da freguesia da Candelária, filha do Capitão Antônio dos Santos Lisboa e de D. Joana Maria de Mendonça. Com geração. Paulo Pinto da Silva faleceu em 24 de maio de 1747 no Rio (Candelária, 10.º, fls. 138v).

## § 2

- III- HELENA DE FARIA (filha de Francisco de Almeida Jordão, do § 1 n.º II), batizada em 31 de outubro de 1682 no Rio de Janeiro (Sé, 5.º, fls. 25v). Casou-se em 1708 no Rio de Janeiro (Sé, 4.º, fls. 1) com PAULO DE CAR-

VALHO DA SILVA, familiar do Santo Ofício.<sup>29</sup> Natural da Aldeia do Rio, freguesia de Santa Maria de Moure, termo de Barcelos, morador na rua Direita, no Rio de Janeiro, filho de Domingos Gonçalves do Rio, batizado na freguesia de Sampaio de Figueiredo, termo de Guimarães, e de sua mulher Domingas Gonçalves do Rio, batizada na dita freguesia de Santa Maria de Moure; neto paterno de Diogo Pires e de sua mulher Bárbara Gonçalves; neto materno de Miguel Nunes e de sua mulher Maria Manuel, naturais da freguesia de Santa Maria, Arcebispado de Braga. Paulo de Carvalho recebeu carta de familiar em 30 de julho de 1706. Sua noiva recebeu aprovação para se casar em 12 de dezembro de 1708. Tiveram, ao menos, uma filha: FRANCISCA, batizada em 5 de março de 1709 na freguesia da Candelária, cidade do Rio de Janeiro (fls. 83).

### § 3

- II- ANA DE ALMEIDA. Provável filha de Domingos Mendes, do § 1 n.º I. Casou-se em 25 de junho de 1675 em Figueiró dos Vinhos (fls. 186), com FRANCISCO LUÍS.<sup>30</sup> Os noivos eram da mesma vila de Figueiró dos Vinhos. Ela faleceu em 25 de julho de 1701 em Figueiró dos Vinhos (fls. 183). Pais de:
- 1 (III)- FRANCISCO LUÍS. Casou-se em 13 de junho de 1702 em Figueiró dos Vinhos (fls. 130) com JOANA FRAGOSO, filha de Antônio Lopes e de Maria Pimenta.
  - 2 (III)- VICÊNCIA DE ALMEIDA. Casou-se, no mesmo dia, em Figueiró dos Vinhos (fs. 130) com seu cunhado HILÁRIO FRAGOSO, filho de Antônio Lopes e de Maria Pimenta.

### § 4

- II- CECÍLIA MENDES (filha de Domingos Mendes, do § 1 n.º I), batizada em 26 de janeiro de 1648 em Figueiró dos Vinhos (fls. 7v), onde se casou a 10 de março de 1680 (fls. 193v) com MANUEL DA PENA, natural da cidade de Miranda do Douro. Foram moradores na vila de Figueiró dos Vinhos, onde Manuel da Pena foi irmão da sua Misericórdia e faleceu em 24 de janeiro de 1691 (fls. 272), tendo feito testamento. Era ferrador, de ofício. Foram pais de, talvez entre outros (não seguem na ordem de nascimento):
- 1 (III)- CAPITÃO MOR MANUEL MENDES DE ALMEIDA, que segue.

<sup>29</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Paulo, mç. 4, doc. 72. Por estar em mau estado de conservação, não veio à sala de leitura. Contudo, o Dr. Nemésio conseguiu lê-lo antes dessa classificação.

<sup>30</sup> Escreveu o Dr. Nemésio que Francisco Luís era ferreiro (serralheiro).

- 2 (III)- PEDRO, batizado em 18 de junho de 1682 em Figueiró dos Vinhos (fls. 139v).
- 2 (III)- MADRE CECÍLIA MARIA DA PURIFICAÇÃO, religiosa no Convento das Freiras de Santa Clara da vila de Figueiró dos Vinhos. Recebeu doação do seu irmão, o Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida, por ocasião do testamento dele.
- III- CAPITÃO-MOR MANUEL MENDES DE ALMEIDA, nasceu na vila de Figueiró dos Vinhos, bispado de Coimbra, em cuja freguesia foi batizado em 22 de outubro de 1680 (fls. 132). Segundo depoimento de testemunhas ouvidas no processo *de genere et moribus* de seu neto Antônio Ferreira Lustosa, sempre viveu do comércio com as Minas, tanto quando solteiro, quando no tempo de casado.

Foi-lhe passada certidão, em 10 de outubro de 1720, da Vila do Carmo (atual cidade de Mariana, Estado de Minas Gerais), por D. Pedro de Almeida, conde de Assumar e capitão-general da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro:<sup>31</sup>

*Certifico em como achando-se Manuel Mendes de Almeida contratado dos dízimos destas Minas, na noite de 28 de junho do ano passado de 1720 [sic] na ocasião do motim e rebelião em Vila Rica [atual cidade de Ouro Preto, Estado de Minas Gerais], desamparou a sua casa, e se retirou para esta Vila do Carmo com a sua pessoa e escravos a pôr-se da minha parte e com efeito me achei com ele na ocasião em que os amotinados vieram a esta vila e tornando-se a recolher à sua casa entendo ficava tudo quieto, se achou novamente com a segunda revolução e com intento de me expulsarem destas minas e as Justiças de Sua Magestade que Deus guarde querendo como foi público reduzir este governo a uma república, e logo se tornou a retirar para esta vila com os seus escravos e armas a pôr-se da minha parte e mandando eu prender os cabeças do motim, e marchando para Vila Rica a pôr-se em sossego aos moradores da dita vila e arremeter os presos para o Rio de Janeiro me acompanhou o dito Manuel Mendes de Almeida com os seus escravos e armas com toda a fidelidade como sempre nele experimentei, como leal vassalo de Sua Magestade que Deus guarde pelo que o julgo digno e merecedor de toda a honra e mercê que o dito senhor for servido fazer lhe passa o referido na verdade pelo juramento dos*

<sup>31</sup> Certidão transcrita na habilitação à Ordem de Cristo de seu genro Francisco Pereira Mendes, adiante. Extinta a revolução, o líder, Filipe dos Santos, foi executado.

*Santos Evangelhos e por me ser pedida a presente lha mandei passar por mim assinada e selada com o sinete de minhas armas. Vila do Carmo 10 de outubro de 1720.*

*O Conde Dom Pedro de Almeida*

Em 30 de junho de 1742 tomou posse e fez juramento do cargo de capitão-mor da cidade de São Paulo, em patente passada pelo governador da Capitania D. Luís Mascarenhas. Esta patente foi ratificada em 4 de maio de 1743 pelo Rei D. João V, conforme segue:<sup>32</sup>

*Manuel Mendes de Almeida*

*Houve Sua Magestade por bem tendo respeito ao dito Manuel Mendes de Almeida estar provido por D. Luís Mascarenhas governador e capitão-general da Capitania de São Paulo no posto de capitão-mor daquela cidade que o dito governador criou de novo em virtude da Real Ordem do dito Senhor de 21 de Abril de 739 porque se determina que as ordenanças do Brasil se regulem na mesma forma que se pratica neste Reino. Atendendo ao dito Manuel Mendes de Almeida ser pessoa de conhecido préstimo distinção e haver servido na mesma cidade no cargo de provedor da Casa de Fundação com grande zelo e fidelidade e por Sua Magestade esperar dele que da mesma maneira se haverá daqui em diante em tudo o mais de que for encarregado do seu serviço conforme a confiança que faz da sua pessoa. Há por bem fazer-lhe mercê de o nomear/ como por esta nomeia/ no posto de capitão-mor da cidade de São Paulo por tempo de 3 anos no fim dos quais se lhe tirará residência com o qual não haverá soldo algum da Fazenda Real mas gozará de todas as honras privilégios liberdades isenções e franquezas que em razão dele lhe pertencerem de que lhe foi passada carta patente por 2 vias a 4 de Março de 743.*

*Rei*

Manuel Mendes de Almeida tinha prestígio e respeito na cidade de São Paulo. Não apenas pelo cargo de capitão-mor da cidade, mas por suas qualidades. Tanto que recebeu dedicatória manifestada em um livro hagiográfico, escrito pelo Padre Manuel da Fonseca, SJ, e publicado em

---

<sup>32</sup> IAN/ Torre do Tombo. Registo Geral de Mercês, D. João V, livro 33, fls. 424. Microfilme n.º 7085.

1752 em Lisboa: *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus*.<sup>33</sup>

Casou-se em 5 de outubro de 1704 na cidade de São Paulo (Sé, fls. 45v) com MARIA GOMES DE SÁ, conforme segue:

*Aos cinco dias do mês de outubro do ano de mil setecentos e quatro se receberam por palavras de presente em casa particular por licença que para isso deu o reverendo vigário da Vara perante o Reverendíssimo Padre Prior Frei Francisco de Santa Helena com licença minha Manuel Mendes de Almeida natural da vila de Figueiró dos Vinhos, Bispaço de Coimbra, filho legítimo de Manuel da Pena e de sua mulher Cecília Mendes, ambos já defuntos, com Maria de Sá, filha legítima de Manuel Gomes de Sá e de sua mulher Felícia da Silva, moradores desta vila, e perante as testemunhas o Capitão Manuel Carvalho de Aguiar e do Sargento-Mor Bento do Amaral da Silva, e perante mim, de que fiz este assento, em que me assinei.*

*Bento Curvelo Maciel*

Maria Gomes de Sá nasceu na freguesia da Cotia, onde foi batizada em 13 de outubro de 1681, filha do português Manuel Gomes de Sá, natural da vila de Landim, ou do Couto de Landim, termo de Barcelos, arcebispado de Braga, onde nasceu cerca de 1657, e de sua mulher Felícia da Silva, natural da freguesia da Cotia, a qual era filha do português Gonçalo Lopes e de sua mulher Catarina da Silva (casados em 3 de junho de 1640 na Sé de São Paulo.<sup>34</sup>).

<sup>33</sup> Belchior de Pontes era um jesuíta paulista. O livro narra sua vida e os acontecimentos principais de São Paulo.

<sup>34</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. L.º 1-3-15, de casamentos de São Paulo (1.º, de 1632 a 1644), fls. 25.  
*Aos 3 de Junho de 640 eu o Padre Manuel Nunes Vigário Confirmado desta Igreja Matriz desta Vila de S. Paulo, havendo precedido os pregões e admoestações na forma do Sagrado Concilio, constando ser solteiro casei a Gonçalo Lopes filho de Pero Lopes e de sua mulher Francisca Gonçalves moradores em Sardueira termo da Cidade do Porto com Catarina da Silva filha de Cosme da Silva e de sua mulher Isabel Gonçalves moradores nesta vila, testemunhas que ao presente se acharam Jerônimo de Brito e Garcia Rodrigues Velho, de que dou fé e fiz este termo e assento.*

*Manuel Nunes*

Maria Gomes de Sá faleceu em 7 de junho de 1759 na freguesia da Cotia.<sup>35</sup> Fez testamento, tendo sido testamenteiro o Capitão Francisco Pereira Mendes. Foi enterrada no convento de São Francisco da cidade de São Paulo. Manuel Mendes de Almeida faleceu em 17 de agosto de 1756, com testamento.<sup>36</sup> Em seu óbito consta filiação e naturalidade.

Manuel Gomes de Sá era irmão de Natália de Sá, sogra de Manuel Ferreira Laigal, familiar do Santo Ofício.<sup>37</sup>

Gonçalo Lopes nasceu por volta de 1616 na freguesia de Sardoura (Santa Maria), concelho de Castelo de Paiva (os registros de batizados existem a partir de 1623), comarca de Arouca, distrito de Aveiro, Portugal. Veio para o Brasil, casando-se em 3 de junho de 1640 em São Paulo (Sé, 1.º, fls. 25). É o tronco dos **Lopes** de Cotia. Viveu opulento em São Paulo, residindo na rua de Santo Antonio. Tinha fazenda no bairro da Cotia, com terras na paragem chamada Iratá, onde tinha roças e criação de porcos. Era capitalista em São Paulo, tendo financiado várias entradas ao sertão, entre elas a última e mais famosa expedição (nesta foi um dos investidores) do Capitão Fernão Dias Paes, e que dela iria originar Minas Gerais. No ano de 1658 era procurador do Concelho da câmara de São Paulo. Faleceu em São Paulo, tendo feito testamento em 19 de setembro de 1689 em São Paulo.<sup>38</sup> Nesse instrumento pediu para ser sepultado na capela de São Francisco, como irmão terceiro que era da V.O.T. do Venerável Padre São Francisco; era também irmão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Possuía, ao morrer, quatro mil cruzados, em dinheiro amodado. Além de vários legados pios, mandou que socorressem, com dinheiro, alguns irmãos seus em Portugal (anos depois sua mulher faria semelhante doação).

Catarina da Silva nasceu por volta de 1625 em São Paulo, onde faleceu com inventário aberto a 5 de julho de 1694 na vila de São Paulo.<sup>39</sup> Fizera testamento a 9 de julho de 1693 em São Paulo, pedindo para ser sepultada na capela de São Francisco. Declarou que teve 4 filhas, que

---

<sup>35</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 10-2-10, de óbitos da freguesia da Cotia, fls. 55v.

<sup>36</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 01-02-38 dos livros de óbitos da freguesia da Sé da cidade de São Paulo, fls. 184.

<sup>37</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Manuel, mç. 65, doc. 1322. Processo que não foi lido pelo autor deste artigo, por falta de tempo...

<sup>38</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 617.

<sup>39</sup> *Inventários e Testamentos*, vol. XXIII, p. 227.

todas receberam de dote a importância de 2.000 cruzados. Fez várias doações para parentes e amigos de São Paulo e da freguesia da Cotia. Fez codicilo a 24 de fevereiro de 1694 na vila de São Paulo. Ambos os instrumentos receberam o “cumpra-se” a 26 de fevereiro de 1694 em São Paulo. De bens de raiz, foi avaliada uma morada de casas na rua de Santo Antônio. A fazenda lançada importou em 6:636\$700 e as dívidas somaram 709\$560.

Filhos do Capitão Mor Manuel Mendes de Almeida e de sua mulher Maria Gomes de Sá:

- 1 (IV)- CATARINA MENDES DE ALMEIDA (ou CATARINA DA SILVA), que segue.
- 2 (IV)- CECÍLIA MENDES DE ALMEIDA, que segue no § 5.
- 3 (IV)- D. JOSEFA LEONOR CAETANA DA SILVA E ALMEIDA, que segue no § 6.
- 4 (IV)- D. MARIA JOSEFA MENDES, que segue no § 7.
- 5 (IV)- FILIPA MENDES DA SILVA, nasceu na freguesia da Cotia. Esteve ajustada, no ano de 1742, para se casar com o Dr. Sebastião Mendes de Carvalho, que em 1735 habilitou-se ao Santo Ofício para ser familiar, tendo recebido carta em 15 de julho do mesmo ano.<sup>40</sup> Ele era natural de Pelariga, freguesia de São Martinho da Vila de Pombal, bispado de Coimbra, em cuja igreja de São Martinho de Pombal foi batizado em 23 de maio de 1695. Em 1735 era morador na cidade de Lisboa, na rua dos Carreiros a Valverde, freguesia de Santa Justa. Havia servido de Juiz de Fora em Bragança e na Ilha da Madeira. Era viúvo de D. Luiza Maria. O casamento não se realizou, pois Filipa já era falecida em 1755, no estado de solteira.
- 6 (IV)- PADRE FREI FRANCISCO DA PURIFICAÇÃO, religioso beneditino.
- 7 (IV)- PADRE FREI MANUEL DE SANTA MARIA, religioso beneditino. Natural da cidade de São Paulo e batizado na freguesia da Cotia. Habilitou-se em Tibães, Braga, no ano de 1728, com o nome de Manuel Mendes de Sá.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Sebastião, mç. 10, doc. 175.

<sup>41</sup> Universidade do Minho, em Braga, Portugal. Congregação de São Bento, Província do Brasil. Livro n.º 55, fls. 95-112.

8 (IV)- PADRE FREI JOSÉ, religioso beneditino, já era falecido no ano de 1755, como corista.

IV- CATARINA MENDES DE ALMEIDA (ou Catarina da Silva de Almeida), batizada em 6 de novembro de 1709 na freguesia da Cotia. Já era falecida em 1755, à época do testamento de seu pai. Casou-se em 21 de outubro de 1726 na matriz da freguesia da Cotia, com o SARGENTO MOR ANTÔNIO FERREIRA LUSTOSA, morador da vila de Santos, viúvo de Isabel Francisca (que seria filha, segundo uma testemunha ouvida no processo de *genere* de seu filho Antônio, do Provedor da Fazenda Real da vila de Santos). Antônio Ferreira era natural do lugar de Casais, freguesia de São Pedro de Reimonda, comarca de Aguiar de Sousa, arcebispado de Braga, filho de Serafim Ferreira, natural da freguesia de Santiago de Lustosa (vizinha à de Reimonda) e de sua primeira mulher (casados no lugar dos Casais, na freguesia de São Pedro de Reimonda) Maria Ferreira, natural da freguesia de Moreira de Cônegos, termo de Guimarães. Serafim era oficial de alfaiate, de profissão, e sua mulher Maria Ferreira era filha natural de uma Jerônima, solteira, a “Maquica”. Maria Ferreira cuidava de ovelhas na dita freguesia de Moreira de Cônegos até a idade de 15 anos, quando passou para a casa do Capitão Antônio Coelho Ferreira (em outros lugares vem João Coelho Ferreira), de quem foi criada. Uma irmã dessa Maria Ferreira, por parte materna, de nome Marta Fernandes, que também cuidava de ovelhas, era mãe de dois filhos clérigos.

Conforme o processo *de genere* de seu filho Antônio Ferreira Lustosa, o Sargento-Mor Antônio Ferreira Lustosa tivera um irmão, de nome Manuel, já falecido em 1747, que também viera para o Brasil. O pai do habilitando enviava dinheiro e notícias para seu pai, em Portugal.

Foram pais de:

- 1 (V)- MANUEL MENDES FERREIRA LUSTOSA, natural da vila de Santos. Casou-se, no ano de 1752, na cidade de São Paulo (Sé), com GERTRUDES FELICIANA SOARES, natural da vila de Itu, filha do Capitão Mor Caetano Soares Viana, natural de São Salvador do Bairão, bispado do Porto, tabelião do público, judicial e notas da vila de Mogi das Cruzes, falecido em 1757 com testamento na cidade de São Paulo, e de sua mulher Gertrudes Lourenço.<sup>42</sup>
- 2 (V)- CAPITÃO ANTÔNIO FERREIRA DE ALMEIDA LUSTOSA, que segue.
- 3 (V)- D. MARIA JOAQUINA LUSTOSA, já era casada em 1755.

<sup>42</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva (1852-1919). *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes. Vol. I: Carvoeiros, p. 176.

- 4 (V)- PADRE FREI JOAQUIM, religioso professo de Nossa Senhora do Monte do Carmo.
- 5 (V)- PADRE SERAFIM FERREIRA LUSTOSA, que em 1755 era menor de 18 anos de idade. Nasceu a 1.º de dezembro de 1737, tendo sido batizado em 1.º de janeiro de 1738 na matriz da vila de Santos. Foi seu padrinho o Dr. Gregório Dias da Silva, com procuração. Mudou o nome, depois para JOÃO NEPOMUCENO FERREIRA LUSTOSA. Para o processo de *genere et moribus*<sup>43</sup> justificou fraternidade, ainda com o nome de Serafim, com Antônio Ferreira. Já com o nome de João Nepomuceno, tirou *vita et moribus* e justificou ter patrimônio para receber ordens.<sup>44</sup>
- V- CAPITÃO ANTÔNIO FERREIRA DE ALMEIDA LUSTOSA. Nasceu em 28 de março de 1729 na vila de Santos, onde foi batizado em 6 de abril do mesmo ano. Foi seminarista na cidade da Bahia, intentando ser religioso. Para tanto, requereu habilitação *de genere*, correndo processo em Portugal, inclusive, sendo julgado aprovado em 3 de abril de 1751.<sup>45</sup> Abandonou o sacerdócio, casando-se no ano de 1752 na cidade de São Paulo (Sé) com TERESA MARIA DE Oliveira, filha do Capitão Rafael de Oliveira Leme e de sua mulher Bárbara Garcia de Lima.<sup>46</sup> Teresa Maria faleceu no ano de 1755 em Santana de Parnaíba. Deixaram filha única:
- 1 (VI)- CATARINA DO SACRAMENTO.

## § 5

- IV- D. CECÍLIA MENDES DE ALMEIDA (filha do Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida, do § 4 n.º III). Natural da freguesia da Cotia, onde foi freguesa. Casou-se com VENTURA RODRIGUES VELHO, natural da freguesia de São Nicolau, cidade do Porto, filho de Manuel de Mesquita, natural de Vila Real, da rua de Santa Margarida, freguesia de São Pedro Velho, e de Catarina Rodrigues, da freguesia de Santiago de Mouquim, então termo

<sup>43</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-35-304, de habilitação de *genere et moribus*.

<sup>44</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-36-310, de habilitação de *genere et moribus*. É a mesma pessoa acima, do processo n.º 1-35-304.

<sup>45</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-13-153, de habilitação de *genere et moribus*. Consta como Antônio Ferreira Lustosa.

<sup>46</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. IV: Hortas, p. 320.

da vila de Barcelos, Arcebispado de Braga, atualmente pertencente ao concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga. D. Cecília Mendes faleceu em 22 de janeiro de 1775 na freguesia da Cotia, repentinamente, de estupor, motivo pelo qual foi somente absolvida. Fez testamento e foi sepultada na Ordem Terceira de São Francisco da cidade de São Paulo.<sup>47</sup> Ventura Rodrigues Velho faleceu em 9 de agosto de 1766 na Sé de São Paulo, com testamento, tendo sido sepultado na capela de São Francisco.<sup>48</sup> Pais de (talvez dentre outros):

- 1 (V)- DR. ANTÔNIO MENDES DE ALMEIDA, natural da freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, Estado de Minas Gerais. Cavaleiro da Ordem de Cristo, tendo sido julgado habilitado em 2 de dezembro de 1762, em Mesa.<sup>49</sup> El-Rei despachou, em 30 de abril de 1760, que em respeito aos serviços de José Gonçalves de Sousa (filho de João Gonçalves, natural da cidade de Elvas), obrados na Corte de Lisboa e província do Alentejo, por espaço de mais de 20 anos, foi-lhe passada mercê do hábito da Ordem de Cristo com 50\$000 de tença, à qual renunciou ao Dr. Antônio Mendes de Almeida. No ano de 1761, o Dr. Antônio Mendes era intendente e procurador da Real Fazenda das Minas de Goiás.<sup>50</sup> Casou-se, em Vila Boa de Goiás, com D. ANA MARIA JOAQUINA DE JESUS MENEZES COUTINHO, filha do Coronel Francisco do Amaral Coutinho e de sua mulher Catarina Madalena Leonor de Aguiar.<sup>51</sup>
- 2 (V)- AGOSTINHO RODRIGUES DE ALMEIDA. Natural da freguesia da Cotia. Habilitou-se de *genere et moribus* em 1753.<sup>52</sup> Mostrou ser irmão inteiro de Antônio Mendes de Almeida.<sup>53</sup> De acordo com o último processo, Agostinho foi batizado em 4 de maio de 1739 na matriz da freguesia da Cotia, tendo nascido em 26 de abril do

---

<sup>47</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 10-02-10, de óbitos da freguesia da Cotia (1750-1775), fls. 132.

<sup>48</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 01-02-21, de óbitos da Sé de São Paulo (1757-1777), fls. 100v.

<sup>49</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação à Ordem de Cristo. Letra A, maço 15, doc. 15.

<sup>50</sup> IAN/ Torre do Tombo. Registo Geral de Mercês de D. José I, liv. 15, fls. 179.

<sup>51</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. II: Lemes, p. 497.

<sup>52</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-29-256.

<sup>53</sup> Não há o processo de habilitação sacerdotal de Antônio Mendes de Almeida, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

mesmo ano. Uma das testemunhas ouvidas foi seu parente José Mendes de Almeida, natural da freguesia de São Sebastião, do lugar da Cumieira, do bispado de Coimbra, solteiro, que vivia de seu negócio de loja, com 38 anos de idade em julho de 1759.<sup>54</sup>

- 3 (V)- MANUEL RODRIGUES DE ALMEIDA, nascido e batizado na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica de Ouro Preto. Habilitado de *genere et moribus* no ano de 1751.<sup>55</sup>

#### § 6

- IV- D. JOSEFA LEONOR CAETANA DA SILVA E ALMEIDA (filha do Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida, do § 4 n.º III). Nasceu na freguesia da Cotia, onde foi batizada em 3 de setembro de 1713 (fls. 10). Casou-se em 19 de maio de 1734 na cidade de São Paulo (Sé, fls. 38v) com o DESEMBARGADOR DR. GREGÓRIO DIAS DA SILVA, nascido e batizado, em 11 de fevereiro de 1696 na igreja da vila de São Miguel do Outeiro (fls. 104), bispado de Viseu, filho de Manuel Dias da Silva, batizado em 1.º de fevereiro de 1670 na mesma freguesia de São Miguel de Outeiro (fls. 177) e de sua mulher (casados em 14 de agosto de 1688 na mesma freguesia, fls. 32v) D. Ana da Silva, naturais da vila de Miguel do Outeiro. Era neto paterno de Fernando Francisco e de Maria Francisca. Neto materno de Sebastião Fernandes, batizado em 17 de junho de 1622 na freguesia de São Miguel de Outeiro (fls. 96) e de sua mulher (casados em 14 de fevereiro de 1650 na citada freguesia de São Miguel de Outeiro, fls. 104) Isabel Francisca. Seu avô Sebastião Fernandes era filho de Mateus Fernandes e de sua mulher Domingas Lourenço. Sua avó Isabel Francisca era filha de Francisco João de Guelha e de sua mulher Maria Francisca.

O Bacharel Gregório Dias da Silva, conforme sua folha corrida de serviços, recebeu, em 12 de agosto de 1725, carta do cargo de juiz de fora da vila de Estremoz, no Alentejo.<sup>56</sup> Em 25 de janeiro de 1731 foi provido no cargo de ouvidor geral da Capitania de São Paulo, por espaço de três anos. No mesmo dia recebeu o ofício de provedor das Fazendas dos defuntos, ausentes das Capelas e Resíduos de São Paulo. Em 22 de setembro de 1733 El-Rei concedeu-lhe licença para se casar com D. Josefa Leonor Caetana da Silva Sá e Almeida, filha do Capitão Manuel Mendes de Almeida e de sua mulher Maria Gomes de Sá, moradores na cidade de

<sup>54</sup> Não consegui encartar José Mendes de Almeida neste trabalho.

<sup>55</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-27-244 de *genere et moribus* de Manuel Rodrigues de Almeida.

<sup>56</sup> IAN/ Torre do Tombo. Registo Geral de Mercês. D. João V. Livro 16, fls. 479-479v.

São Paulo. Em 22 de novembro de 1749, então desembargador da Relação do Porto, foi nomeado desembargador extravagante da Casa da Suplicação.

Gregório Dias da Silva recebeu carta de familiar do Santo Ofício em 8 de março de 1757.<sup>57</sup> Era cavaleiro professo na Ordem de Cristo e desembargador da Casa da Suplicação.

Foram pais de:

1 (V)- D. FILIPA EUFRÁSIA, nascida cerca de 1735.

2 (V)- JOSÉ JOAQUIM DA SILVA SÁ E ALMEIDA, nasceu em 23 de março de 1741, batizado em 30 de maio de 1741 na freguesia da Cotia. Em 1761 era morador na cidade de Lisboa, quando recebeu carta de familiar do Santo Ofício em 24 de julho de 1761.<sup>58</sup> Era fidalgo da Casa de Sua Magestade e cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Casou-se em 3 de dezembro de 1757 na freguesia de São Vicente de Fora (fls. 41) com D. INÊS MARIA GERTRUDES DO VALE E MELO, batizada em 7 de dezembro de 1737 na freguesia de São Vicente de Fora (fls. 571), filha de Antônio Ferreira do Vale e Melo, natural da freguesia de São Pedro da cidade da Bahia, fidalgo da Casa de Sua Magestade e familiar do Santo Ofício, e de sua mulher (receberam licença do Tribunal para se casarem em 1737) D. Mariana Teresa de Mendonça, natural da freguesia da Encarnação, cidade de Lisboa; neta paterna do Desembargador André Leitão de Melo, natural da cidade de Tavira, familiar do Santo Ofício, e de D. Maria Ferreira de Carvalho, natural da cidade de São Salvador da Bahia; neta materna de d. José Dionísio Ortega, natural da cidade de Madri, e de D. Inês Francisca de Mendonça, também natural da cidade de Madri. Pelos avós de sua mulher, ela estava habilitada pelo filho daqueles, D. Ângelo de Mendonça Furtado.<sup>59</sup>

Antônio Ferreira do Vale e Melo habilitou-se ao Santo Ofício, tomando carta em 23 de janeiro de 1734.<sup>60</sup> Mais tarde re-

---

<sup>57</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Gregório. Mç. 4, doc. 62.

<sup>58</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. José, mç. 87, doc. 1289.

<sup>59</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Ângelo. Mç. 1, doc. 4.

<sup>60</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Antônio. Mç. 79, doc. 533.

cebeu alvará de fidalgo cavaleiro, em 1.º de fevereiro de 1738.<sup>61</sup> Ele e seus pais achavam-se habilitados pelo Santo Ofício porque seu irmão, Francisco Leitão de Melo, corregedor da comarca de Coimbra, já o era.<sup>62</sup> Antônio Ferreira nasceu na cidade da Bahia, tendo sido batizado em 8 de março de 1705 na freguesia de São Pedro da cidade de São Salvador (fls. 124v), quando seu pai era juiz de fora da cidade de Salvador. Foram seus padrinhos Garcia de Ávila e Leonor Pereira Marinho. Antônio Ferreira passou pequeno para a cidade de Lisboa, e na última frota viera das Minas do Serro do Frio, onde serviu 5 anos de ouvidor delas, e de lá trouxe a considerável fortuna de 800 mil cruzados, cabedal que acumulou em o princípio do conhecimento dos diamantes. Era solteiro em 1734.

Seu pai, André Leitão de Melo, recebeu carta de familiar em 16 de outubro de 1733.<sup>63</sup>

3 (V)- D. LEONOR CAETANA DA SILVA E ALMEIDA, natural da freguesia da Cotia. Foi mencionada na habilitação ao Santo Ofício de seu pai, em 1757.

#### § 7

##### Pereira Mendes

IV- D. MARIA JOSEFA MENDES DA SILVA (filha do Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida, do § 4 n.º III), nasceu em 17 de janeiro de 1725, tendo sido batizada em 26 do mesmo mês e ano na freguesia da Cotia.<sup>64</sup> Casou-se, em 10 de junho de 1749 na Sé da cidade de São Paulo, com o CAPITÃO FRANCISCO PEREIRA MENDES, natural do lugar da Portela, freguesia de Santa Marinha de Mogege, onde foi batizado em 15 de junho de 1710 (fls. 46v), comarca de Barcelos, arcebispado de Braga, filho de Domingos Francisco, natural da freguesia de São Salvador de Ruivães, e de sua mulher Antônia Pereira, natural da freguesia de Mogege, moradores na aldeia de Portela. No assento de matrimônio, Francisco Pereira não sa-

<sup>61</sup> IAN/ Torre do Tombo. Registo Geral de Mercês. Mercês de D. João V, livro 28, fls. 331.

<sup>62</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. Francisco. Mç. 54, doc. 1077.

<sup>63</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. André, mç. 8, mç. 140. Este processo não foi lido pelo autor, por falta de tempo...

<sup>64</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de batismos de Cotia.

bia os nomes dos seus avós paternos e maternos. Os noivos, Capitão Francisco e D. Maria Josefa, fizeram antes de se casarem, processo de banhos, no mesmo ano de 1794, na cidade de São Paulo, onde eram moradores.<sup>65</sup> Francisco Pereira Mendes declarou, em 24 de maio de 1749, na cidade de São Paulo, perante o vigário capitular Dr. Lourenço Leite Penteado, que saiu de sua pátria com mais ou menos 16 anos de idade, que não estava certo em que ano isso se passara. Embarcou para o Rio de Janeiro, onde não se demorou, tendo partido logo para as minas dos Goiazes (atual Estado de Goiás), onde tem assistido a maior parte do tempo e onde tinha o ofício de capitão das tropas auxiliares de cavalos nas referidas minas. Que, de seu, tinha de 25 a 30 mil cruzados, era homem de 39 anos, solteiro, sem nunca ter prometido casamento a ninguém, exceto à sua noiva. E que seu pai fora lavrador e não possuía mais que as terras que lavrara e já eram falecidos, e não esperava nenhuma herança deles. Em 4 de junho de 1749 foi concedida licença para os noivos se casarem.

O Capitão Francisco Pereira Mendes habilitou-se à Ordem de Cristo, a quem El-Rei fez mercê do hábito.<sup>66</sup> Havia assistido muitos anos na minas de Goiás. Seu pai, Domingos Pereira, natural do lugar do Paço, batizado em 6 de maio de 1674 na freguesia de Salvador de Ruivães; foi para a freguesia de Mogege para se casar. Sua mãe, Antônia Pereira, foi batizada em 13 de junho de 1670 na freguesia de Mogege. Nesse processo constou o nome de seus avós. Era neto paterno de Matias Francisco, natural do lugar das Penas, freguesia de *de laens* (?) e de Jerônima Pereira, natural da freguesia de Ruivães, do lugar do Papo, tudo do mesmo termo e arcebispado. Era neto materno de Domingos Pereira e de Domingas Mendes, ambos naturais da dita freguesia de Mogege. Ainda constou que Francisco Pereira Mendes tinha um irmão, mercador em Lisboa, Antônio Pereira, e que o avô materno, Domingos Pereira, foi soldado auxiliar, em cujo exercício lhe cortaram um braço, o direito, na praça de Valença do Minho; serviu também de ladrilheiro.

A Mesa da Consciência recusou o ingresso de Francisco Pereira Mendes, em decisão exarada em 13 de março de 1754, na cidade de Lisboa. As razões: apesar de o justificante à época ser capitão e se tratar nobremente, no passado conduziu fazendas do Rio de Janeiro para as Minas, as quais vendia no atacado, com loja que tinha. Seu pai tinha terras em que trabalhava, mas também levava carros de sal à vila de Guimarães. A mãe contratava linhas e panos de linho. O avô materno, em seu princípio ajudava um mercador e depois comprou terras de que vivia e de algum

---

<sup>65</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 4-44-270.

<sup>66</sup> IAN/ Torre do Tombo. Habilitação à Ordem de Cristo. Letra F, mç. 4, doc. 7.

negócio com pano de linho, sendo ainda ladrilheiro. Enfim, foi julgado inábil pelo fato de ele, seus pais e avós terem exercido ofícios mecânicos.

A demora na resposta positiva da Mesa fez o habilitando, Capitão Francisco Pereira Mendes, fazer uma petição, em outubro de 1756, no qual dizia que El-Rei lhe fizera mercê do hábito da Ordem de Cristo, e ele não conseguia se habilitar por testemunhas menos bem informadas deporem atividades mecânicas em sua pessoa ou de seus avós, e ...

*... porque na demora de tomar o dito hábito padece o labéu de ser o impedimento por respeito de mácula no sangue em que o suplicante e sua família, que é das principais da dita cidade, por estar nela casado com uma filha do capitão-mor da mesma cidade Manuel Mendes de Almeida, da qual tem filhos...*

Foi anexado ao processo o traslado da escritura da dádiva graciosa que fez o Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida a seu genro, o Capitão Francisco Pereira Mendes, dos serviços que tinha feito a Sua Magestade, em 24 de setembro de 1753, na cidade de São Paulo.

O Capitão Francisco Pereira Mendes fez testamento em 9 de setembro de 1773, que foi registrado em 28 de abril de 1782 na cidade de São Paulo.<sup>67</sup> Pedia para serem seus testamenteiros: em primeiro lugar à sua mulher D. Maria Josefa, em segundo lugar ao genro Capitão Manuel Antônio de Araújo, e em terceiro lugar ao seu sobrinho José Álvares Pereira. Declarou que casou sua filha D. Josefa com o senhor Jerônimo Martins Fernandes, e a filha D. Gertrudes com o senhor Capitão Manuel Antônio de Araújo. Para ambas deu de dote 8 mil cruzados, e o mais que lhe deixou seu avô, com os juros que cresceram. Em Portugal possuía umas terras e umas casas, nas quais uma sua irmã tinha sua parte, e valeriam uns 300 ou 400 mil réis. Essas propriedades doava às suas sobrinhas. O testamento foi aprovado em 23 de fevereiro de 1782 na cidade de São Paulo, tendo recebido o “cumpra-se” em 28 de abril de 1782, data de sua morte.

Foram pais de:

- 1 (V)- MARIA FRANCISCA, batizada em 10 de outubro de 1750 na freguesia da Cotia. Ainda era solteira em 1782.
- 2 (V)- D. JOSEFA LEONOR MENDES DA SILVA, que segue no § 8.
- 3 (V)- D. ANA MARIA MENDES DA SILVA, nascida cerca de 1760, era solteira em 1782.
- 4 (V)- D. GERTRUDES MARIA, que segue no § 9.

<sup>67</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem n.º 455, de Registros de Testamentos. Livro n.º 3, fls. 71 a 74v.

- 5 (V)- PADRE BARTOLOMEU PEREIRA MENDES, ordenado de epístola já em 1782. Habilitado de *genere et moribus* no ano de 1775, juntamente com os irmãos Manuel Gomes de Sá e Almeida, José Pereira Mendes de Almeida, Francisco Pereira Mendes, Antonio Pereira Mendes e Joaquim Pereira Mendes.<sup>68</sup>
- 6 (V)- D. FRANCISCA TERESA MENDES, nascida cerca de 1761, era solteira em 1782.
- 7 (V)- MANUEL GOMES DE SÁ E ALMEIDA. S.m.n.
- 8 (V)- JOSÉ PEREIRA MENDES DE ALMEIDA. S.m.n.
- 7 (V)- FRANCISCO PEREIRA MENDES, batizado em 17 de janeiro de 1762 na Sé de São Paulo, era solteiro em 1782. Segue.
- 8 (V)- D. ANTÔNIA MENDES, nascida cerca de 1763, era solteira em 1782. Casou-se em 1789, em São Paulo, com o CORONEL JOAQUIM JOSÉ DOS SANTOS, irmão do padre do hábito de São Pedro, depois bispo da diocese do Funchal, Ilha da Madeira, D. Luís Rodrigues Vilares. Pais, entre outros, de JOAQUIM JOSÉ DOS SANTOS SILVA, o “Cadete Santos”, barão de Itapetininga, título brasileiro.
- 9 (V)- ANTÔNIO PEREIRA MENDES, batizado em 13 de janeiro de 1766 na Sé de São Paulo. S.m.n.
- 10 (V)- JOAQUIM PEREIRA MENDES, batizado em 28 de outubro de 1769 na Sé de São Paulo. S.m.n.
- V- FRANCISCO PEREIRA MENDES foi batizado em 17 de janeiro de 1762 na Sé de São Paulo. Em 1782, época do inventário de seu pai, era solteiro. Pediu, no ano de 1789, dispensa matrimonial para se casar com sua prima em 4.º grau, D. MARIA HIPÓLITA ALMEIDA (ou RODRIGUES), em § 11 n.º V.<sup>69</sup> Os oradores eram pessoas nobres e qualificadas. Ela foi batizada em 20 de agosto de 1768 na cidade de São Paulo (freguesia da Sé), filha do Alferes Manuel Rodrigues Jordão e de sua mulher D. Ana Eufrosina da Cunha. Seus descendentes vêm descritos pelo genealogista o Dr. Frederico de Barros Brotero.<sup>70</sup>

## § 8

<sup>68</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-53-426, de *genere et moribus* de Bartolomeu Pereira Mendes e irmãos.

<sup>69</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 6-21-1861, ano de 1789, pp. 25-38.

<sup>70</sup> BROTERO, Frederico de Barros. *A Família Jordão*. São Paulo: Ind. Gráfica Bentivegna, 1948. 688p.

- V- D. JOSEFA LEONOR MENDES DA SILVA (filha de D. Maria Josefa Mendes da Silva, do § XX n.º IV), batizada em 2 de março de 1752 na freguesia da Cotia (fls. 40), tendo sido seus padrinhos o Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida e Cecília Mendes. Casou-se em 16 de janeiro de 1779 na cidade de São Paulo (fls. 162), na capela de Santo Antônio, com o CORONEL JERÔNIMO MARTINS FERNANDES, natural do lugar de Campos, freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Vreia de Jales, comarca de Vila Real, arcebispado de Braga.<sup>71</sup> O casamento foi por procuração, uma vez que o noivo era morador na cidade do Rio de Janeiro; foi seu procurador o Dr. Antônio Mendes de Almeida. Jerônimo era filho do Sargento-Mor João Gomes Teixeira e de D. Maria Pires Fernandes, naturais do mesmo lugar de Campos.

Jerônimo não soube nomear os avós no assento de seu casamento, mas obteve armas das famílias Gomes, Martins, Macedos e Fernandes, após justificar nobreza, em 1789, na Mesa de Consciência e Ordens.<sup>72</sup> Declarou ser filho de João Gomes e de D. Maria Fernandes; neto paterno de Francisco Gomes e de D. Maria Martins de Macedo, e materno de Domingos Martins e de D. Ana Pires. Já era cavaleiro da Ordem de Cristo, da qual honraria recebeu mercê em 6 de novembro de 1778. Havia recebido 12\$000 réis de tença a título do hábito da Ordem de Cristo, pela renúncia de João de Carvalho.<sup>73</sup>

Foram pais, entre outros, do PADRE JOSÉ GOMES DE ALMEIDA, que nasceu em 25 de janeiro de 1783 na cidade de São Paulo. Habilitou-se, em 1803, ao sacerdócio.<sup>74</sup> O seu patrimônio consistia em casas na rua de São Bento, que tinha como confrontantes, de um lado, as casas de seus pais, e do outro, com casas que foram do Padre Salvador de Camargo. José Gomes de Almeida teve um filho natural: FRANCISCO MARTINS DE ALMEIDA, que obteve carta de brasão de armas em 1855, passada pelo

---

<sup>71</sup> Vreia de Jales hoje pertence ao concelho de Vila Pouca de Aguiar, distrito de Vila Real.

<sup>72</sup> IAN/ Torre do Tombo. Feitos Findos, Justificações de Nobreza, mç. 13 n.º 15. Ano de 1789.

<sup>73</sup> IAN/ Torre do Tombo. Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv. 3, fls. 282. Pode ser o mesmo Jerônimo Martins Fernandes que se habilitou a familiar (IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício, Jerónimo, mç. 13, doc. 194).

<sup>74</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 2-3-740, de *gene-re et moribus*.

Império do Brasil, com as armas dos Gomes, Martins, Macedos e Fernandes.<sup>75</sup>

§ 9

- V- D. GERTRUDES MARIA MENDES PEREIRA (filha de Maria Josefa Mendes da Silva, do § XX n.º IV), foi a segunda mulher do CAPITÃO-MOR MANUEL ANTÔNIO DE ARAÚJO.

Depois mestre de campo, Manuel Antônio de Araújo nasceu cerca de 1733, tendo sido batizado na freguesia de São Vitor, na cidade de Braga, filho de Manuel de Araújo e de sua mulher Custódia Gomes. Conforme constou dos seus banhos, veio para o Brasil com a idade de 10 para 11 anos, tendo desembarcado na cidade do Rio de Janeiro; viveu algum tempo na vila de Curitiba, no Rio Grande do Sul e também nas Minas Gerais.<sup>76</sup> Manuel Antônio havia se casado, primeira vez, a 1.º de dezembro de 1764 na Sé de São Paulo (fls. 232v) com Ana Maria Clara de Macedo, batizada em 25 de agosto de 1744 na Sé da cidade de São Paulo (fls. 85), filha de Manuel de Macedo e de sua mulher Escolástica Maria de Matos.<sup>77</sup>

Manuel Antônio recebeu nombramento, a 21 de março de 1770, do Morgado de Mateus, do posto de tenente de auxiliares de Cavalaria de São Bernardo, no bairro de Caguaçu, cidade de São Paulo.<sup>78</sup> Depois recebeu carta patente de capitão da mesma companhia, a 30 de dezembro de 1774, do Morgado de Mateus.<sup>79</sup> E, a 2 de agosto de 1788, do governador da capitania de São Paulo Bernardo José de Lorena, recebeu carta patente do posto de mestre de campo do terço de infantaria auxiliar da Marinha da vila de Paranaguá.<sup>80</sup>

Manuel Antônio de Araújo recebeu, a 13 de janeiro de 1774, da cidade de São Paulo, carta de sesmaria passada pelo Morgado de Mateus.

<sup>75</sup> METELLO, Manuel Arnao. *Gente d'Algo: súmulas das Cartas de Brasão existentes na Torre do Tombo coligidas por Sanches de Baena no "Arquivo Heraldico-Genealogico"*. Lisboa: Livraria Ferin, 2002, p. 324.

<sup>76</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 4-86-659, fls. 1 a 22.

<sup>77</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. II: Lemes, p. 493.

<sup>78</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem 366, L.º n.º 18 de Patentes, Sesmarias, Patentes e Provisões, fls. 111v e 122.

<sup>79</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem 367, L.º n.º 19 de Patentes, Sesmarias, Patentes e Provisões, fls. 140v e 141.

<sup>80</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem 369, L.º n.º 25 de Patentes, Sesmarias, Patentes e Provisões, fls. 5.

Manuel Antônio era morador na cidade de São Paulo.<sup>81</sup> Essa sesmaria consistia em umas terras no continente da vila de Lages, que havia comprado a José Gomes Valente, que foram do Capitão João Antunes Pinto, como também a Antônio de Sousa Pereira, uma tapera que foi do Capitão Antônio José Pereira, mista à dita fazenda, cujos campos terão três léguas em quadra, dividindo-se pela parte do Sul com os campos de Antônio de Sousa Pereira, cuja divisa é um braço do Rio das Pelotinhas que corre distante da casa do dito Antônio de Sousa, coisa de um quarto de légua, pela do Norte com o rio das Caveiras, pela de Oeste com os campos do Alferes Manuel de Sousa Passos, que dividia o Lageado Grande e pela de Leste com os campos de Sebastião Pinto da Cruz, que dividia o ribeirão que vai fazer barra nas Caveiras. Foi ouvida a câmara da vila de Lages.

Há um registro dessa sesmaria no Arquivo Nacional (caixa 160, n.º 57), com a respectiva petição, onde ele alegou que comprara no sertão de Lages uma fazenda de animais que tinha três léguas de campos, como constava da sesmaria que seguia junto. Queria povoar essa fazenda com mais quatrocentas éguas e cinquenta burros e burras, intenção essa que encontrou impedimento no novo registro de Pelotas. Solicitado a dar um parecer, o Governador do Rio Grande José Marcelino de Figueiredo escreveu, a 23 de maio de 1775 de Porto Alegre: “*Não convém conceder-se ao suplicante a pesagem dos animais que pertence para fora dos Registos deste Continente por se diminuírem os direitos que pagam as mulas e os potros que saem para fora.*”

#### § 10

- II- CAPITÃO BENTO MENDES DE ALMEIDA, filho de Domingos Mendes, do § xx n.º I. Natural da vila de Figueiró dos Vinhos, tendo sido batizado em 5 de fevereiro de 1654 na freguesia de São João Batista (fls. 20 e 20v). Conforme informações colhidas do processo de habilitação ao Santo Ofício de seu filho natural, que segue adiante, possuía 10 ou 12 mil cruzados, e algum juro, que somaria tudo 15 mil cruzados.

Casou-se em 4 de fevereiro de 1688, em Figueiró dos Vinhos (fls. 205), com MARIA DOS SANTOS, nascida em Figueiró dos Vinhos, tendo sido batizada na mesma freguesia de São João Batista. Ela era filha de Domingos Simões, natural do Casal de São Simão, termo da vila de Águeda, bispado de Coimbra, e de sua mulher Domingas Lopes, natural do lugar da Sarda, termo da vila de Arega, bispado de Coimbra. Os pais

---

<sup>81</sup> DAESP, n.º de ordem 367, L.º 19 de Sesmarias, Patentes e Provisões, fls. 99v a 100v.

de Maria dos Santos foram moradores na vila de Figueiró dos Vinhos, onde, em seu princípio foram estalajadeiros e depois ele serviu de almotacel. Domingos Simões faleceu em 3 de março de 1673 em Figueiró dos Vinhos. Domingas Lopes nasceu em 5 de setembro de 1642 na freguesia de Arega, concelho de Figueiró dos Vinhos, em qual freguesia foi batizada em 13 do mesmo mês, filha de Manuel Lopes e de sua mulher Maria Gomes.

Bento Mendes teve o seguinte filho natural, havido em tempo de solteiro, de ANTÔNIA FERNANDES, do lugar de Bairrão, da freguesia de Figueiró dos Vinhos:

1 (III)- JOÃO MENDES DE ALMEIDA. Casou-se em 13 de agosto de 1725 em Figueiró dos Vinhos (fls. 454) com JOANA DE OLIVEIRA, do lugar da Ervideira, de Figueiró dos Vinhos, filha de Antônio Quaresma e de sua mulher Maria João.

Bento Mendes teve, de sua mulher Maria dos Santos:

2 (III)- JOÃO MENDES DE ALMEIDA JORDÃO, batizado em 16 de fevereiro de 1688 em Figueiró dos Vinhos (fls, 181v). Nasceu alguns dias depois do casamento dos pais. Familiar do Santo Ofício, por carta de 9 de novembro de 1718.<sup>82</sup> Era solteiro, de suas fazendas, 15 mil cruzados. Em seu processo de habilitação ao Santo Ofício, trasladaram o assento de seu batizado, de seu pai, o casamento de seus pais, os assentos de óbito de seus avós paternos e de seu avô materno, bem como o batizado de sua avó materna.

#### § 11

II- DOMINGOS MENDES (filho de Domingos Mendes, do § 1 n.º I), nasceu por volta de 1654 em Figueiró dos Vinhos, onde se casou a 23 de outubro de 1679 (fls. 193) com MARIA DE MENDONÇA, também natural da vila de Figueiró dos Vinhos, onde foram moradores. Maria de Mendonça já era falecida em 1716, quando sua filha, de mesmo nome, se casou. E Domingos Mendes, já era falecido em 1718, quando sua filha Feliciano se casou. Pais de:

1 (III)- ANTÔNIO, batizado em 21 de junho de 1682 (fls. 139v) na freguesia de Figueiró dos Vinhos.

2 (III)- TERESA, batizada em 24 de dezembro de 1683 (fls. 148) na freguesia de Figueiró dos Vinhos.

<sup>82</sup> IAN/ Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitação ao Santo Ofício. João, mç. 52, doc. 993. O Dr. Nemésio fez confusão com o Familiar João Mendes de Almeida Jordão, entendendo que ele era filho natural do Capitão Bento Mendes de Almeida.

- 3 (III)- FELICIANA DE MENDONÇA, batizada em 5 de janeiro de 1688 (fls. 165v) na freguesia de Figueiró dos Vinhos. Ali se casou em 22 de maio de 1718 (fls. 442) com ANTÔNIO MENDES, do lugar dos Gagos, freguesia de Cumieira, concelho de Santa Marta de Penaguião, distrito de Vila Real, filho de Domingos Mendes, já defunto, e de Maria Francisca.
- 1 (III)- MARIA DE MENDONÇA, que segue.
- III- MARIA DE MENDONÇA nasceu em Figueiró dos Vinhos, onde se casou a 4 de setembro de 1716 (fls. 439) com MANUEL RODRIGUES JORDÃO, ambos naturais e moradores da vila de Figueiró dos Vinhos. Manuel era filho de Manuel Simões Jordão e de sua mulher (casados em 15 de dezembro de 1665 na vila de Redinha, fls. 82v) Antônia Rodrigues, já defuntos em 1716, moradores que foram na vila de Redinha, hoje freguesia do concelho de Pombal, distrito de Leiria. Do casamento, foram testemunhas: Dr. Inácio das Neves e Bento Mendes de Almeida. Manuel Rodrigues Jordão era neto paterno de Simão Fernandes Jordão e de Antônia [?] Simões; neto materno de João Fernandes e de ..... Rodrigues. Manuel Rodrigues Jordão faleceu em 2 de outubro de 1748 em Figueiró dos Vinhos (3.<sup>o</sup> de mistos, fls. 15). Pais de, talvez entre outros:
- 1 (IV)- JOÃO MENDES DE ALMEIDA, nascido e batizado na vila de Figueiró dos Vinhos, em 27 de fevereiro de 1719 (fls. 386v). Em 31 de agosto de 1767 abriu processo no bispado de São Paulo, para mostrar que era solteiro, livre e desimpedido.<sup>83</sup> Nesse ano de 1767 era morador em Figueiró dos Vinhos. Não traz o nome da noiva, se é que tinha compromisso com alguém. Havia residido na vila de Santos por espaço de 11 ou 12 anos. No ano de 1781 era morador na vila de Santos. Sem mais notícias.
- 2 (IV)- ALFERES MANUEL RODRIGUES JORDÃO, que segue.
- 3 (IV)- MARIA, batizada em 20 de novembro de 1721 em Figueiró dos Vinhos (fls. 119v). Deve ter falecido criança.
- 4 (IV)- MARIA DE MENDONÇA, batizada em 16 de julho de 1724 em Figueiró dos Vinhos (fls. 15v e 16). Foi citada no testamento de seu irmão, o Alferes Manuel Rodrigues Jordão, em 1786.
- 5 (IV)- INÊS, batizada em 19 de janeiro de 1723 em Figueiró dos Vinhos (fls. 4v).
- 6 (IV)- FÉLIX, batizado em 22 de abril de 1726 em Figueiró dos Vinhos (fls. 29v).

<sup>83</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-12-794, fls. 11 a 14.

7 (IV)- PAULA, batizada em 6 de julho de 1728 em Figueiró dos Vinhos (fls. 43).

8 (IV)- FRANCISCO, batizado em 8 de julho de 1730 em Figueiró dos Vinhos (fls. 69).

IV- ALFERES MANUEL RODRIGUES JORDÃO, nasceu na vila de Figueiró dos Vinhos, onde foi batizado em 29 de março de 1720 (fls. 108).

As informações a seguir foram coligidas do processo de banhos, para se casar, em 1767, com D. Ana Eufrosina da Cunha.<sup>84</sup> Saiu de Figueiró dos Vinhos para Lisboa, onde, sem demora, passou para o Brasil, tendo assistido cinco ou seis anos na cidade do Rio de Janeiro. Dali passou para as minas de Goiás, a cobranças, em que gastou um ano, sem fazer assistência em freguesia alguma que chegasse a seis meses. Retornou para São Paulo, e daí a seis meses voltara para o Rio de Janeiro buscar negócios, e com demora de dois meses retornou a São Paulo, e com o mesmo negócio passou para Goiás, com loja no Arraial de Meia Ponte (atual Pirenópolis, Estado de Goiás), e dali fizera uma viagem à Bahia, sem gastar muito tempo, e recolheu-se novamente ao Arraial de Meia Ponte. E, finalmente, voltara para São Paulo, onde assistia havia três anos. Era solteiro, livre e desimpedido, e que não tinha feito voto de castidade nem de religião. De seu, tinha onze mil cruzados.

Segundo testemunhas, Manuel Rodrigues Jordão esteve em companhia de seu tio, o Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida. Uma testemunha ouvida, o boticário José Antônio de Lacerda, o conhecera em sua terra natal.<sup>85</sup> Da cidade de Coimbra, o Dr. Manuel Rodrigues Teixeira, in-

---

<sup>84</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-13-801, fls. 33 a 52.

<sup>85</sup> José Antônio de Lacerda era português, natural da cidade de Leiria, batizado na freguesia da Sé da mesma cidade. Era filho de Francisco de Araújo Lacerda, natural da vila de Tomar, e de sua mulher Clara Maria, natural da mesma cidade de Leiria; neto paterno de Manuel de Araújo Lacerda, natural da cidade do Porto. Criança, José Antônio de Lacerda passou a viver na vila de Figueiró dos Vinhos, comarca de Coimbra, onde se criou até a idade de 10 ou 12 anos. De Figueiró dos Vinhos passou para a cidade de Lisboa, fazendo assistência no bairro e freguesia de São Paulo, aonde viveu até os 20 anos de idade. De Lisboa passou para a cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu um ano, pouco mais ou menos. Do Rio passou para a cidade de São Paulo. Conforme se lê em: BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral Bogaciovas; FARIA, Rui Jerónimo Lopes Mendes. *Cantos e Rochas, de Guimarães, São Gens e Santana de Parnaíba*. In Revista da ASBRAP n.º 21, p. 332.

formou que o noivo Manuel Rodrigues Jordão havia saído de Figueiró havia mais de 19 anos, e transcreveu o assento do batizado. Foi fiador dos banhos de Meia Ponte Francisco Pereira Mendes.

O Dr. Brotero, dos maiores genealogistas paulistas, publicou a descendência de Manuel Rodrigues Jordão, em um grosso volume, no ano de 1948, em São Paulo.<sup>86</sup> Sobre a vida dele, assim se expressou (seguem partes):

*Bem jovem emigrou para o Brasil, onde já se encontravam, estabelecidos diversos parentes. Atirou-se ao fatigante e perigoso serviço de mercador ambulante nas Capitânicas de Goiás e de Mato Grosso, levando mercadorias, principalmente fazendas, para vender naquelas longínquas paragens, trazendo em troca, ouro adquiridos nas minas.*

*Se a profissão era rude e trabalhosa, oferecia compensações: era rendosa.*

*Aos 40 anos de idade, em pleno vigor da vida, retirou-se dos negócios a que se dedicara até essa data e julgou-se habilitado a levar uma existência mais calma e sedentária e empregar seus fartos cabedais em atividades mais suaves, independentes de arriscadas e longas caminhadas pelo Brasil central. Fixou residência definitiva em São Paulo e veio abrigar-se sob o teto acolhedor do tio, Francisco Pereira Mendes, um dos mais importantes comerciantes à época, personagem de destaque na sociedade de então.*

*Seu nome surge pela primeira vez em documentos oficiais, em 1767, nos recenseamentos (lista de população) supra referido, publicado nos Documentos Interessantes para a História de São Paulo, vol. LXII, página 269, edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo...*

Conforme o Dr. Brotero, Manuel Rodrigues e sua mulher foram irmãos da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Ele fez testamento em 24 de outubro de 1785 na cidade de São Paulo, pedindo para serem seus testamenteiros, à mulher, ao Padre Salvador de Camargo Lima e ao Tenente José Antônio de Lacerda. Faleceu dias depois, em 2 de novembro do mesmo ano. Declarou que por morte de seus pais e irmãos, lhe couberam quinhentos e tantos mil réis, os quais doou à sua irmã Maria de Mendonça, para dos frutos e lucros se sustentar. O inventário foi iniciado em 8 de janeiro de 1786, sendo inventariante a mulher.

---

<sup>86</sup> BROTERO, Frederico de Barros. *Ob. cit.*

Casou-se na cidade de São Paulo com D. ANA EUFROSINA DA CUNHA, batizada em 1742 na cidade de São Paulo, filha do Licenciado Manuel José da Cunha e de sua mulher (casados em 19 de maio de 1733 na freguesia da Cotia) Maria de Lima de Camargo, a qual era filha do Capitão Fernando Lopes de Camargo, nascido e batizado, em 16 de agosto de 1676, na freguesia da Cotia, onde foi capitão de Auxiliares (por patente de 30 de julho de 1710, do governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro<sup>87</sup>) e de sua mulher (casados cerca de 1710, provavelmente em São Paulo ou na Cotia) Maria de Lima de Siqueira, batizada em 25 de maio de 1688 na Sé de São Paulo. O Capitão Fernando Lopes faleceu em 9 de julho de 1737 em São Paulo, e sua mulher Maria de Lima em 1.º de agosto de 1769 na freguesia da Cotia.

Manuel José da Cunha habilitou-se ao Santo Ofício, em 1735, pretendendo ser familiar.<sup>88</sup> Era morador na cidade de São Paulo, nela desempenhando a função de cirurgião-mor. Declarou ser filho de José Martins e de sua mulher Maria da Cunha, naturais de Vila Nova de Cerveira do Minho, arcebispado de Braga, batizados na freguesia de São Cipriano; neto paterno de Domingos Martins e de sua mulher Domingas Rodrigues, naturais da mesma vila e freguesia; neto materno de Gaspar Lourenço, morador na mesma vila, nascido e batizado na freguesia de Sapardoz, termo da mesma vila, e de sua mulher Ana da Cunha, nascida e batizada na dita freguesia de São Cipriano da dita Vila Nova de Cerveira. Das inquirições feitas no Minho, resultou, em 8 de outubro de 1736, que o habilitando era cristão-novo por sua mãe e avó materna, porque um irmão do tetravô pagara a finta. Que o pai e avô de Manuel José da Cunha eram pedreiros, e a mãe e avó materna eram padeiras. Apesar dessas informações, a família recebeu sentença favorável em 14 de agosto de 1713 na Relação de Braga, sobre a limpeza de sangue de João da Cunha Pereira, bisneto do irmão do finto.

Da parte da habilitanda, Maria de Lima de Camargo, e sobre a capacidade de Manuel José da Cunha, fizeram inquirições na cidade de São Paulo e na freguesia de Nossa Senhora do Monserrate da Cotia. O Padre Fabiano de Bulhões, da Companhia de Jesus da cidade de São Paulo, fez um ruidoso comentário sobre a família Camargo:

---

<sup>87</sup> Arquivo Público Mineiro. Livro n.º 7 de registros de patentes, nombramentos e provisões, fls. 20v.

<sup>88</sup> IAN/Torre do Tombo. Tribunal do Santo Ofício. Habilitações incompletas. Doc. 4238.

*... porque desta família não sei que haja algum [padre] na Companhia. Em São Francisco sei que estão dois filhos de Fernando Lopes de Camargo, e eu os conheço ambos, e um deles pretendeu entrar na Companhia mas receando talvez que o não recebessem, se resolveu a entrar em São Francisco donde hoje está.*

Três testemunhas disseram que os Camargos e Ortizes procediam dos mouros de Granada, o que era voz comum na cidade de São Paulo. Arrematou o jesuíta Fabiano de Bulhões:

*Isto depuseram estes homens, que pelo bom nome, que tem nesta terra, suponho falam verdade, e dizem o que realmente sabem.*

*Desta fama dos Camargos disseram o mesmo D. Simão de Toledo, e Piza homem velho de setenta, e tantos anos natural desta cidade, e o Capitão Pedro Taques Pires natural também desta cidade, homem tido, e havido nela de sã consciência, e bem procedido, o qual acrescentou, que esta fama dos Camargos não sabia se a tinham porque realmente fossem mouriscos, ou se lhes chamavam estes nomes por serem terríveis, faladores, e malignos, e por isso aborrecidos.*

*De Manuel José da Cunha tenho algum conhecimento por algum trato, que com ele tenho tido. Parece-me prudente e capaz, e dizem que está afazendado, e suponho ser assim porque além do seu ofício de cirurgião, tem negócio de mercância: porém não cumprimento do seu segredo, pelo que há pouco tempo sucedeu com um seu amigo a quem devia obrigações, que com dano do tal descobriu um segredo, que devia guardar. Isto é o que achei, e posso dizer. Esta terra está hoje muito falta de homens velhos, porque alguns, que aí moram por fora, e custamento achá-los, como agora me custou achar estes, que os fui buscar bem longe.*

Por morte de Manuel José da Cunha fez-se inventário, com auto aberto em 19 de janeiro de 1746 na cidade de São Paulo, onde havia falecido em 28 de agosto de 1745, sem testamento.

Os filhos do casal Alferes Manuel Rodrigues Jordão – D. Ana Eufrosina da Cunha, requereram brasão de armas.<sup>89</sup> Foram justificantes os irmãos Capitão Manuel Rodrigues Jordão e suas irmãs D. Maria Hipólita Rodrigues de Almeida, D. Ana Vicência Rodrigues de Almeida, D. Francisca Emília Rodrigues de Almeida, D. Escolástica Jacinta Rodrigues de

---

<sup>89</sup> IAN/Torre do Tombo. Arquivo dos Feitos Findos. Processo de justificação de nobreza. Maço n° 28, documento n° 26, ano de 1805.

Almeida, D. Gertrudes Angélica Rodrigues de Almeida e D. Antônia Fausta Rodrigues de Almeida. Foi anexada uma inquirição, feita em fevereiro de 1781 na vila de Figueiró dos Vinhos, a favor de Manuel Rodrigues Jordão, assistente na cidade de São Paulo. Ele era irmão de João Mendes de Almeida, que assistiu na vila de Santos, filhos de Manuel Rodrigues Jordão e de Maria de Mendonça; netos paternos de Manuel Rodrigues Jordão e de Antônia Rodrigues, moradores na Redinha; netos maternos de Domingos Mendes e de Maria de Mendonça, da vila de Figueiró dos Vinhos. A câmara da cidade de São Paulo atestou, em 20 de abril de 1805, que o Alferes Manuel Rodrigues Jordão servira de almotacel e de vereador em São Paulo, assim como os seus avós maternos, que...

*... ocuparam os mesmos cargos principais da governança desta cidade por ser de uma das famílias dos Pires e Camargos aos quais concedeu a Real munificência dos senhores passados da gloriosa memória muito privilégios e exceções.*

Foi trasladada, também, uma carta patente de confirmação, feita em 27 de junho de 1806, a Manuel Rodrigues Jordão (já provido por Antônio José de Franca e Horta, governador e capitão-general da Capitania de São Paulo) de capitão da 1.<sup>a</sup> Companhia de Fuzileiros do 1.<sup>o</sup> Regimento de Infantaria Miliciania da cidade de São Paulo, de que era coronel Francisco Xavier dos Santos. Manuel Rodrigues Jordão e suas irmãs foram justificados em 4 de abril de 1807 na cidade de Lisboa.

Seus descendentes vêm descritos pelo grande genealogista, o Dr. Frederico de Barros Brotero.<sup>90</sup>

O Alferes Manuel Rodrigues Jordão deixou uma filha natural, havida em uma negra:

1 (V)- MARIA DA PURIFICAÇÃO, que se habilitou à herança paterna. S.m.n.

Do Alferes Manuel Rodrigues com D. Ana Eufrosina nasceram:

2 (V)- D. MARIA HIPÓLITA RODRIGUES DE ALMEIDA, batizada em 20 de agosto de 1768 na cidade de São Paulo (freguesia da Sé). Casou-se com seu primo, o CAPITÃO FRANCISCO PEREIRA MENDES, em § 7 n.º V. Com geração.

3 (V)- D. ANA VICÊNCIA RODRIGUES DE ALMEIDA, nascida cerca de 1769 na cidade de São Paulo, onde faleceu em 8 de janeiro de 1854. Casou-se duas vezes, com dois irmãos. A primeira, em 1786, mais ou menos, com ANTÔNIO DA SILVA PRADO, que faleceu em 1793. A segunda com o Capitão-Mor Eleutério, irmão de

<sup>90</sup> BROTERO, Frederico de Barros. *Ob. cit.*

Antônio, filhos ambos do Capitão-Mor Martinho da Silva Prado e de Maria Leme Ferreira. Com geração dos dois casamentos. Do primeiro, foi filho o Barão de Iguape, título brasileiro. Do segundo casamento, entre outros, foram bisavós do Dr. Paulo Prado, historiador, autor de “Paulística”.

- 4 (V)- D. FRANCISCA EMÍLIA RODRIGUES, nascida na cidade de São Paulo, onde foi batizada em 25 de fevereiro de 1774 na Sé. Foi seu padrinho o vigário de Parnaíba, Padre Manuel Mendes de Almeida. Fez processo de banhos, em 1804, na cidade de São Paulo, para se casar com o então TENENTE ESTÊVÃO CARDOSO DE NEGREIROS.<sup>91</sup> Ele declarou ser natural da freguesia de Meia Ponte (atual Pirenópolis, Estado de Goiás), filho de Lourenço Cardoso de Negreiros, já defunto, e de sua mulher D. Maria Leite de Araújo. Era morador na vila de Itu, para onde fora, com seus pais, com a idade de 8 anos. Queriam se casar na capela de Santo Antônio, cidade de São Paulo (ainda hoje existente, na Praça do Patriarca), para o que obtiveram licença. D. Francisca Augusta Rodrigues (adotou depois esse nome) faleceu, de parto, em 10 de fevereiro de 1809 na vila de Itu. A criança não chegou a nascer. Tinha pouco menos de 35 anos de idade. Foi sepultada na Ordem Terceira do Carmo.
- 5 (V)- D. ESCOLÁSTICA JACINTA RODRIGUES JORDÃO. Casou-se em 1795, na cidade de São Paulo, com o SARGENTO-MOR JOAQUIM JOSÉ DE MORAIS, filho do Capitão-Mor José de Moraes Leme e de Ana Joaquina da Silva Prado. Pais, entre outros, da 1.<sup>a</sup> Baronesa de Jundiáí, da Baronesa de Japi, e avós de alguns titulares do Império.
- 6 (V)- D. GERTRUDES MARIA DE CAMARGO, depois Gertrudes Angélica Rodrigues de Almeida, nascida cerca de 1778 em São Paulo. Casou-se com ANTÔNIO PACHECO DA FONSECA, filho de José Manuel da Fonseca e de Josefa Maria de Góis Pacheco. Foram moradores em Itu, onde Antônio Pacheco faleceu em fins de abril de 1847 e Gertrudes Maria em 10 de março de 1855. Com geração. Entre outros, foram avós do DR. ANTÔNIO AUGUSTO DA FONSECA, advogado na cidade de Rio Claro, interior paulista.
- 7 (V)- D. ANTÔNIA CLARA DE CAMARGO, depois Antônia Fausta Rodrigues Jordão. Casou-se com o TENENTE ELIAS ANTÔNIO PACHECO DA SILVA, abastado fazendeiro em Itu, filho do Sargento-Mor

---

<sup>91</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 7-42-2954, fls. 1 em diante.

Antônio Pacheco da Silva e de Inácia de Góis e Araújo. Antônia Fausta faleceu em 1825 e o Tenente Elias faleceu em 1835, ambos em Itu. Com geração.

- 8 (V)- BRIGADEIRO MANUEL RODRIGUES JORDÃO, batizado em 5 de abril de 1781 na Sé da cidade de São Paulo (fls. 51v). Casou-se com D. GERTRUDES GALVÃO DE OLIVEIRA E LACERDA, filha do Brigadeiro José Pedro Galvão de Moura e Lacerda e de sua mulher D. Gertrudes Teresa de Oliveira Montes. Antes do casamento, os noivos, o Brigadeiro Jordão e D. Gertrudes, fizeram contrato nupcial, em escritura lavrada em 30 de outubro de 1820, na cidade de São Paulo. Com geração.

Foi comendador na Ordem de Cristo, membro do governo provisório da Província de São Paulo, em 1821.<sup>92</sup> O Brigadeiro Jordão faleceu em 27 de fevereiro de 1827 e sua mulher faleceu em 1.º de fevereiro de 1848 em São Paulo.

O Brigadeiro Jordão foi dos homens mais ricos da Província de São Paulo. Do seu inventário, aberto em 13 de fevereiro de 1828, e lido pelo Dr. Brotero, deixou várias fazendas e, espalhados em suas fazendas, era senhor de 280 escravos. Doou terras para o patrimônio do município de Tatuí. Possuía terras no Vale do Paraíba, conhecidas por Campos do Jordão. Em sua homenagem assim se denomina *Campos do Jordão*, importante cidade turística do Estado de São Paulo, por ali possuir extensa sorte de terras.

## § 12

### desentroncado

- I- FRANCISCA MARIA DE ALMEIDA casou-se com DAMIÃO NEGRÃO DE OLIVEIRA. Muito possivelmente, Damião seria parente de Antônio Dias Negrão de Oliveira, prior da paróquia de São João Batista, da vila de Figueiró dos Vinhos, na década de 80 do século XVII, e também de Cristóvão Negrão de Oliveira, prior da mesma paróquia, no início da década de 90 do mesmo século. Damião Negrão e sua mulher Francisca Maria já eram defuntos em 1738, por ocasião do testamento do filho Luís. Foram pais de, ao menos:

<sup>92</sup>

Ver um ensaio biográfico do Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, de autoria de Laurindo Minhoto Júnior, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, XXV, p. 201.

- II- LUÍS MENDES DE ALMEIDA, natural de Ribeira de Frades, freguesia de São Miguel, termo do Bispado de Coimbra, Portugal. Veio para o Brasil, casando-se na cidade de São Paulo com ESCOLÁSTICA DA SILVA, filha de Félix Machado de Oliveira e de Maria Antunes, todos naturais de São Paulo. Luís Mendes fez testamento em 1738 na vila de Itu, onde estava assistindo naquele momento.<sup>93</sup> Nesse documento declarou sua naturalidade, filiação e casamento, bem como relacionou seus filhos. Outra declaração feita no testamento foi a de que era sobrinho do Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida.<sup>94</sup> Estava de caminho para as minas de Cuiabá. O testamento foi aprovado em 12 de agosto de 1738 em Itu. O testamento foi aberto em 18 de maio de 1748 na Vila Real do Senhor Bom Jesus, minas do Cuiabá. Havia feito codicilo em 2 de fevereiro de 1748 em Cuiabá, que foi aprovado em 12 de fevereiro de 1748. Por ocasião do codicilo, sua mulher Escolástica já era falecida.

Com geração. São antepassados (7.<sup>os</sup> avós) da Rainha Sílvia, da Suécia.

---

<sup>93</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 521. Prestação de contas do testamento de Luís Mendes de Almeida, ano de 1748.

<sup>94</sup> Poderia ser sobrinho ou sobrinho-neto do Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida, ou ainda filho de uma prima do mesmo.